

Setembro 2018

fato e razão

103

CONSELHO DIRETOR NACIONAL

Cláudia Aparecida e Eduardo F. Firmiano
Deise e Raimundo Fonseca da Silva
Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
Vilma e Roseneo Olizete Jorge

CONSELHO EDITORIAL

Arlete e João Borges
Marisa e Galdino Ulysses
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Marly e Jose Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Raquel e Ronaldo Nascimento
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho
Arte e diagramação Anderson Nogueira
amarartesvisuais@gmail.com e João Borges
Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO

A terrível busca por crianças de 'alta performance' — 14
José Ruy Lozano

Educação já — 29
Priscila Cruz

Ética da Justiça ou Ética do Cuidado — 40
Ricardo Werneck

Pedagogia do sabão — 33
Lourdes Alves de Souza

Preparar as crianças contra as "fake news" — 34
Stéphanie Habrich

Timidez não é defeito — 58
Rosely Sayão

FILOSOFIA

Uma crônica sobre o viver — 36
Roberto Shinyashiki

INSTITUCIONAL

Programa de Formação - Tema 2 - Mod. 2
Coordenação MG — 62

MEIO AMBIENTE

Diversidade da vida — 25
Sérgio Besserman Vianna

POLÍTICA

Mensagem dos Bispos da Regional Leste — 56

RELACIONAMENTO

Família feliz não resulta de estatutos — 46
Deonira La Rosa

RELIGIÃO

A densidade do presente — 4
Pe. Dalton

A espiritualidade de Teilhard du Chardin — 7
Ursula King

A superlativa Bíblia — 12
Klênia Fassoni

Dia Mundial dos Pobres — 23
Equipe Igreja em Marcha

Ética da compreensão — 38
Carlos Alberto Rabaça

Face à cacofonia, a voz dos bispos — 44
Equipe Igreja em Marcha

Gentis, gentios — 48
Bráulio Ribeiro

Igreja e discriminação — 50
Jorge La Rosa

SAÚDE

Demência na doença de Alzheimer — 19
Sérgio Fonseca

Doação de órgãos, o início do milagre — 27
Gláucio S. de Souza

SOCIEDADE

Cidadania reflexiva-4 — 16
Equipe Fato e Razão

Combate ao racismo além do lugar da fala 17
Luiz Roberto Nascimento

Desabamento moral — 21
Vera Iaconelli

Era de incertezas — 31
Frei Betto

Lições da Suécia — 52
Oded Grajew

Medicina cidadã — 54
Luiz Roberto Londres

TECNOLOGIA

O governo como plataforma aberta — 60
Ronaldo Lemos

A DENSIDADE DO PRESENTE



UM BILHETE ELETRÔNICO. Ele me chama de tio, e aceito este jogo de proximidade. Está a meio de seus estudos de antropologia. Cercado de descrentes e não crentes. Diz que vem lendo, não sei por onde, minhas páginas sobre espiritualidade. O que me alegra. Reage quase sempre: contesta, gosta, resmunga, vez e outra xinga, com apreço. Veio dele este bilhete: - “Hesito em ser cristão alegre. Tudo ao meu lado gira sobre a insignificância da fé cristã e de uma Igreja católica ultrapassada, bem perversa na história. Minha namorada insiste repetindo que se Deus existisse, não é visível como deveria. E se ela estiver com a razão? Neste meu meio, valem mesmo as tecnologias de ponta e as descobertas sobre este fantástico cérebro que é o nosso (o seu também). Ô tio, deixa de buscar a força cristã dos começos. Chega, e diga coisa que preste para quem quer crer hoje. Eu, ora pois, uai. Ciao. Bye. Responde, né?”

A RESPOSTA VAI AQUI. Vai aqui de propósito, minha resposta. Podia ser na forma de uma carta, modo charmoso e clássico nas letras de outrora, entre escritores e amigos, para

falarem de suas visões de mundo, elaborando questões pertinentes à condição humana. Mas, não vai ser carta, não. Vou escandir pensamentos, concluindo, afinal, minha procura de chispas para entender a avassaladora onda de seguidores do “Caminho”, dando consistência e sustentabilidade ao cristianismo que foi hegemônico neste ocidente e marcou definitivamente a humanização do ser humano. As namoradas em ciências humanas precisam se lembrar que o cristianismo é história; a cada fase da evolução, que ajuda a provocar, se percebe interpelado a renovar seu dinamismo. E para tanto, faz-se necessário retorno às suas raízes, ao mesmo tempo fazendo discernimento sobre as “horas de Deus” nas contingências de nosso humano caminhar, cheio de crueldades. Por isso tem dois mil anos de história. Inconteste.

FÉ E EXPERIÊNCIA. É quase banal constatar no meio universitário, que não poucos jovens, um dia crismados, afirmam ser a maior dificuldade para a fé este descompasso entre Fé e experiências da vida, mormente sexual e face a dinheiro, coisas de profissão rendosa. E do dar certo na vida, com

sucesso e brilho. Entendo a situação assim: se não houver experiência de fé, apenas persistem construções conceituais sobre Jesus, Igreja, sacramentos, Deus, salvação, ressurreição, e a desconstrução é fácil. Verdades, talvez o sejam, mas não integradas na vida real, e sem significação, pouco importam. Talvez, “lixo”, mas caminho de quem não se ilumina com a Razão científica! E não se casa com uma vida de conforto e gozo. Verdades dispensáveis?

Há no meio universitário um ateísmo prático. Pouquíssimos são ateus militantes. Preferem a indiferença. E no campo das ciências humanas são maiores as suspeições sobre o crer, o pertencer à Igreja, coisas consideradas dificultando a adultez humanista. Ilusões de suspeitas, quem sabe, de quem ainda não descobriu a inteireza da pessoa-sujeito vivenciadora de uma fé plenificante. Interessante que em outros setores do campo universitário já se superou, e bem, o viés anti-religioso. Reínam hoje mais objetividade, mais diálogo, longe de intolerâncias. Então, por onde é possível retornar a uma fé vivificante?

CRER É POSSÍVEL. Vai ficando claro que é possível crer com uma Fé que faz viver. Porém, se faz indispensável romper com formas estereotipadas sobre Deus, Igreja, Religião. Estereótipos que permanecem e são alimentados em áreas estudantis desde o colegial (ensino médio). Sei da existência de estudantes que apenas vivem como “todo mundo”. E o fazem por não prestarem sua escuta às interrogações e anseios que cada pessoa carrega dentro do

peito, lado coração. Escutar Deus presente no chão da subjetividade é caminho para apropriar-se do que seja viver cristãmente hoje; cheio de toques que regeneram. Vida em metamorfoses. A fé cristã também como pertença efetiva e amorosa de ser Igreja Católica, é caminho novo e vivo. É não se contentar em ser como todo mundo. E entender o modo próprio de viver como filho de Deus. Que parentesco!

NEUTRALIDADE RELIGIOSA?

Fica empobrecido o jovem universitário que evita a “questão Deus” em sua vida. Será arriscado passar a vida numa pretensa neutralidade religiosa. Prejudica a saúde afetiva este não enternecer-se pelas necessidades dos mais frágeis. E atuar a favor deles. Quem crê se apropria da mensagem de Jesus e descobre um olhar inédito sobre o ser, o conviver, o servir. Olha diferentemente o mundo que o rodeia. Que olhar? Este, coisa singela: sentir-se, pelo jeito de levar a vida, convidado a amar, a criar mais vida, a fraternizar-se, a ser solidário, cuidar do Planeta, desde a pequenez da realidade que cada um traz consigo. Pequenez que Deus engrandece. Ternura em Deus.

UM VIVER PLENIFICADOR.

Quem crê seguindo Jesus e na pertença à Igreja, não vive pela metade. Entende modos novos e variados de desfrutar dos bens, aguentar os trancos da vida, investir na própria vocação: trabalha e partilha, ama sem exclusões. O Deus de Jesus, O Pai de todos, é certamente a melhor companhia para se alcançar o que seja o bem-viver e a convivalidade. Alegrementemente.

Confiar, como Jesus, em Deus, o Pai(Abba querido), passa pelo experimentar a si próprio como chamado para além do fascínio pela decifração dos enigmas potenciadores de nosso cérebro; chamado a valer-se das tecnologias de ponta e do conforto sem se deixar siderar por elas. Afinal, o Pai nos criou criadores, ama nossa liberdade e nos chama a sermos filhos deste seu Amor.

Quem não desdenha sobre realidades objetivas, busca em tudo, com humildade (ou seja, sem empáfia), a Verdade. Boa vereda para se ver Deus. Deixar Deus ser Deus na própria história de vida é não desistir de buscar o Verdadeiro, o Bem, o Belo. Buscar Deus e desejar estar em comunhão com Ele. E percebê-lo no rosto humano dele que é Jesus e que são os outros.

Ser cristão é ser discípulo de Cristo, estar na escola da vida com Ele. Ninguém crê sozinho. Os que cremos, estamos reunidos celebrando a mesma fé e nos nutrindo com as Palavras dele, e comungando com seus dons. Seguindo assim pelas estradas, ainda que tortuosas da vida, afirmamos a bondade do viver, sem ressentimentos. Vive-se de olhos abertos, deixando-se iluminar. Somos redimidos dos medos e salvos das angustias de não-ser.

A FÉ VIVIDA COMO PROCESSO. Crer é parceiro do confiar. Quem crê, confia. A confiança é qual tempero. Sabor e sabedoria. A fé, então, é substância afetiva,

é razão ampliada, é animação da existência pessoal. A gente cresce na fé? Cresce. É só deixar de ser cabeça-dura e perceber os sinais que Ele nos envia.

CRER EM TEMPOS DE PÓS-MODERNIDADE. A pós-modernidade tornou dificultosa a apropriação da Fé autêntica. Aquele que crê se liga à Fonte da Vida. Não teme as dúvidas e delas parte para melhores percepções sobre o que seja ter o Espírito de Jesus como o ar que se inspira. A vida em comum união com Ele e os demais, todos eles, sem exclusões. Caminhar mais sereno na fé? Depende de mais silêncio e escuta, mais leituras meditativas.

Quem crê aprende a orar, a desejar junto ao Pai do céu. De mãos dadas caminha. Quanto mais me abro ao Pai, mais filho me torno. Questão de relação. Quem ora, inicia cada amanhecer mais agradecido, confiada e criativamente. Sem culpa e sem medos. Destravado.

Este viver cristão, assim consciente, deve aguçar nossa atenção à realidade com a qual estamos envolvidos. O que traz lucidez sobre as transformações indispensáveis. Em nós e nas instituições. No meu viver aparecem as características do Pai que tanto amo.

Talvez a prece indispensável seja assim: - Pai, ensina-me a Te conhecer e amar.

E, por fim leitor(a), reze por sua própria descoberta.

Dalton Barros de Almeida - CSsR.



A espiritualidade segundo a visão de Teilhard de Chardin - 3

Ursula King*

Que se deve entender por “espiritualidade”? O objeto da espiritualidade pode ser considerado uma perene preocupação do ser humano, mas, pelo que dissemos, resulta claro que a reflexão crítica e comparada sobre a espiritualidade em um contexto global é um fenômeno muito recente. Igualmente recente é o esforço no sentido de formular uma definição mais clara para o termo “espiritualidade”, cujo significado, como se sabe, é vago e genérico. Em um contexto cristão tradicional, a espiritualidade estava intimamente ligada à celebração dos mistérios cristãos, especialmente a eucaristia, e se acha vinculada aos ideais cristãos de santidade e perfeição, pregados pelo evangelho. A palavra “espiritualidade” finalmente encontrou seu espaço em diferentes línguas europeias e, de acordo com o Oxford English Dictionary, de 1500 em diante o termo passou a designar “a qualidade ou condição de ser espiritual; que se liga ou diz respeito às coisas do espírito, em oposição aos interesses materiais ou mundanos”. Aqui já temos a indicação de uma

forte polaridade, que muitas vezes se traduz por um dualismo claro e mutuamente exclusivo, em virtude do qual o espiritual é visto como diferente de e frequentemente oposto ao material, corpóreo e temporal. No cristianismo, mas também em outras religiões, o ideal espiritual muitas vezes se incorpora em grupos de indivíduos que praticam o ascetismo, o monaquismo e a renúncia ao mundo, com uma sólida tradição de negação do valor do corpo e do mundo.

Muitas religiões não dispõem de um termo preciso para designar o conceito de espiritualidade. Em Taiwan, por exemplo, durante uma conferência sobre a espiritualidade da mulher contemporânea, ocorrida em 1996, fui informada de que não existe uma palavra na língua chinesa para designar a ideia de “espiritualidade”, muito embora a população local estivesse bastante envolvida na discussão em tomo dos “valores espirituais”, dada a proximidade das eleições políticas naquele país. Aparentemente, os diversos candidatos à presidência estavam buscando as bênçãos dos líderes espirituais, sobretudo as de uma importante mon-

ja budista, cuja influência sobre as pessoas parecia mais forte que a dos políticos.

Esse é um bom exemplo da interação entre o espiritual e o político. Independentemente de sua origem cristã e ocidental, o conceito de espiritualidade universalizou-se agora, sendo utilizado como código para indicar a busca de direção, de sentido e de valores espirituais. O espiritual muitas vezes é concebido como busca interior, em contraste com o material, o físico e o exterior. Em muitos contextos tradicionais da espiritualidade, o termo tem realmente essa acepção.

Alguns entendem que o espiritual é mais amplo, mais disseminado e mais institucionalizado do que o religioso, ao passo que outros consideram o espiritual como o verdadeiro centro e coração da religião, que se expressa particularmente por meio da experiência místico-religiosa. Visando evitar uma concepção dualista e falsamente idealizada de espiritualidade, muitos autores tentam propor uma definição mais abrangente e inclusiva. Em trabalhos recentes, a espiritualidade tem sido descrita como um empenho para crescer em termos de sensibilidade – para consigo mesmo, para com os outros, para com a criação não-humana e para com Deus – ou como uma exploração daquilo que diz respeito ao processo de humanização. Nesse sentido, a espiritualidade está relacionada com a busca da plena humanidade. Para Sandra Schneiders, a espiritualidade é “aquela dimensão do ser humano em virtude da qual a pessoa é capaz

de uma integração autotranscendente com a Realidade Última, seja ela qual for para o indivíduo em questão. Nesse sentido, todo ser humano é capaz de espiritualidade ou é um ser espiritual”.

O termo “espiritualidade” é aplicado aqui a uma dimensão de todos os seres humanos, à atualização dessa capacidade, bem como ao estudo dessa dimensão. E nesse sentido também que o Projeto Templeton utiliza uma interpretação ampla e inclusiva do desenvolvimento espiritual, extraída de uma publicação educacional britânica:

O desenvolvimento espiritual tem a ver com aquele aspecto da vida interior em razão do qual os alunos adquirem certas intuições acerca de sua existência pessoal que são de valor permanente. Caracteriza-se pela reflexão, pela atribuição de sentido à experiência, pela valorização de uma dimensão não-material da vida e por pressentimentos de uma realidade duradoura “Espiritual” não é sinônimo de “religioso”; todas as áreas do currículo podem contribuir para o desenvolvimento espiritual do aluno.

Aqui não se faz nenhuma referência à esfera religiosa. A questão é saber se de fato se pode ser espiritual sem ser religioso. Em um contexto contemporâneo, certamente que sim esse também é um aspecto da pós-modernidade. Mas não há dúvida de que todas as pessoas precisam se educar para uma maior conscientização, a fim de que possam descobrir seu próprio potencial espiritual. Como foi corretamente observado,

“pouquíssimas pessoas poderão realizar-se na vida espiritual sem de algum modo estudá-la, seja em termos teóricos, seja em termos práticos”.

No passado, essa educação para a espiritualidade sempre se deu no contexto de uma fé particular, em um ambiente social e institucional definido de uma tradição religiosa específica. A espiritualidade era uma experiência vivida, uma práxis que se formulava em ensinamentos particulares, como disciplinas espirituais e aconselhamentos para a perfeição, que por sua vez poderiam guiar outras pessoas no caminho da santidade. Mas essa santidade nem sempre era total, no sentido em que hoje a entendemos, como o desenvolvimento integral de toda a pessoa humana em um relacionamento equilibrado com seus semelhantes, inseridos em uma comunidade. Muitas vezes, era unilateral, anti-social e especialmente misógina.

No passado, boa parte da espiritualidade foi desenvolvida por uma elite social, cultural e intelectual masculina. Um estudo comparativo dos aconselhamentos de santidade e perfeição em diferentes religiões revela que a busca espiritual dos homens frequentemente estava relacionada com sua aversão ao corpo e ao mundo. Muitas vezes incluía uma específica aversão às mulheres. No entanto, apesar dos obstáculos e das condições mais adversas, em todas as épocas as mulheres lutaram pela própria busca espiritual. A história mundial da renúncia e do ascetismo, que está por ser escrita, certamente é responsável por grande parcela da

misoginia. Em considerável medida, a espiritualidade do passado pode ser vista como profundamente dualista por segregar os homens das mulheres, por separá-los entre si e do mundo, por discriminar claramente a experiência do corpo, o trabalho e a matéria da experiência do espírito. Era uma espiritualidade fundamentalmente fragmentária.

Como avaliar então o atual interesse pela espiritualidade, a disponibilidade dos “clássicos espirituais” do cristianismo e de outras religiões para o leitor em geral, os esforços para promover o desenvolvimento-espiritual dos alunos?

Nesse âmbito, é preciso muito debate e discernimento crítico, pois o simples reavivamento das espiritualidades do passado não é suficiente, e poderia até ser prejudicial. Os velhos paradigmas da espiritualidade eram muito prescritivos, estavam por demais envolvidos com a fuga mística e ascética do mundo e davam excessiva ênfase à auto-negação, o que poderia favorecer mais a autodestrutividade do que a busca do efetivo crescimento e da plenitude existencial. Também eram muito atrelados a certos ambientes institucionais, e seus ensinamentos, normas e práticas se mantinham extremamente ligados a doutrinas teológicas específicas. Por conseguinte, uma abordagem meramente histórica para estudar as diferentes formas da vida espiritual no passado, ou uma abordagem teológica em que o ensino da espiritualidade esteja ligado a doutrinas particulares, não é suficiente para o desenvolvimento

da espiritualidade de que atualmente precisamos. Como os críticos têm observado corretamente, a espiritualidade cristã muitas vezes esteve ligada a uma mórbida ideologia de obediência e sofrimento.

O atual interesse pela espiritualidade está em correspondência com a moderna ênfase no sujeito, com o autodesenvolvimento individual e com o crescimento de uma compreensão mais diferenciada da psicologia humana. A abordagem antropológica contemporânea da espiritualidade enfatiza que a espiritualidade é intrínseca ao sujeito humano enquanto tal. É uma abordagem que facilita o ressurgimento e a renovação da espiritualidade em um contexto secular. Mas devemos nos perguntar se essa compreensão inclusiva e universalizante da espiritualidade dispensa suficiente atenção à dimensão social e política do ser humano em sua definição do que seja o humano.

O cristianismo sempre privilegiou a dimensão da partilha, quer como culto comunitário, quer como instituição da Igreja, quer ainda como comunhão dos santos, corpo de Cristo ou Reino de Deus. Apesar disso, boa parte da espiritualidade tradicional é bastante individualista ao enfatizar a busca divina da alma. Na era medieval, o espaço privilegiado da santificação, o lugar onde o ideal espiritual poderia ser plenamente vivido, era o monastério, o convento, o claustro, que representavam uma comunidade paralela, apartada da sociedade principal. Com a ascensão do protestantismo, o lugar de santificação se deslocou do claustro para a vida

comum em sociedade, com seus relacionamentos e responsabilidades do dia a dia. Portanto, no início do período moderno, desenvolveu-se uma nova espiritualidade-do-ser-no-mundo, que tinha paralelos anteriores, mas poderia aflorar agora em novas formas. Logo se desencadeou a tensão, e até mesmo o conflito, entre religião e ciência. A sensibilidade contemporânea ainda se debate com essa importante questão – o desafio suscitado pelo conhecimento e pela cosmovisão das ciências, nosso conhecimento do mundo circundante e de nós mesmos.

O conhecimento humano vem se expandindo a taxas exponenciais. O mundo em que vivemos se caracteriza por um extraordinário pluralismo, por grandes mudanças e movimentos, que têm acarretado a erosão das normas e dos valores. Tudo é questionado, e não há lugar para presunções de certeza. Nesse contexto, cabe-nos perguntar pelo lugar da religião no mundo de hoje. As igrejas cristãs ocidentais estão praticamente vazias, e tem-se a impressão de que o grande fosso de credibilidade que se abriu com a modernidade tende a se alargar cada vez mais. Apesar disso, há muitas pessoas, entre jovens e velhos, que buscam uma maior plenitude de vida, um novo tipo de absoluto que cure, fortaleça e nos religue com todos os níveis de vida e experiência contemporâneas. Como podemos encontrar o absoluto no corpo, no coração, na mente e na alma? Como podemos construir um novo tipo de santidade, não do tipo heroico e

antigo, mas relacionado com nossa experiência comum do dia a dia?

Há todo um leque de novas ideias no sentido de incorporar, transformar e integrar, de incluir linguagem e práxis, de repensar e renomear a Realidade Última, bem como um senso cada vez maior da interdependência e da sacralidade de toda a vida e de nosso especial relacionamento humano com toda a Terra e o cosmos.

Para desenvolver uma espiritualidade holística, integral, capaz de responder às exigências da situação em que vivemos atualmente, é preciso repensar criativa e criticamente nossas tradições. Com muita frequência, a espiritualidade é compreendida como uma sólida e protetora fortaleza, claramente demarcada pelos limites da tradição, estreitamente definida e imutável. Mas é muito mais proveitoso conceber a espiritualidade segundo a imagem da jornada, como algo que se deve explorar e arriscar, como um processo de crescimento e transformação. Esses processos têm assumido novos significados em nosso contexto contemporâneo, mas, para os cristãos, estão ligados aos relatos fundacionais das Escrituras judaicas e cristãs, que falam da jornada do êxodo, do “caminhar segundo o Espírito” descrito por São Paulo em Rm 8.4, do “caminho” seguido pelos primeiros cristãos nos Atos dos Apóstolos.

E possível estabelecer muitas relações com as espiritualidades do passado, que podem nos conscientizar e inspirar, mas também precisam ser reformadas e reformuladas. No momento de escolher entre tantas

espiritualidades diferentes, o que a espiritualidade cristã pode nos oferecer hoje? Qual a especificidade da fé cristã? Qual sua essência e seu centro? O que mantém acesa a chama de seu espírito? Muitos escritores cristãos contemporâneos têm formulado essas questões, mas as respostas que propõem são inteiramente diferentes. Teilhard de Chardin raramente é mencionado nas discussões contemporâneas sobre a espiritualidade cristã, o que não só é lamentável, como representa também uma grande perda, pois poucas pessoas possuem uma espiritualidade de tamanha força e poder e ao mesmo tempo tão imbricada com a realidade e tão visionária quanto a dele. Sua fé cristã levou-o a uma visão profundamente espiritual tanto da criação como da encarnação, com uma forte afirmação e celebração da totalidade da vida. Sua visão espiritual é inteiramente tradicional e, ao mesmo tempo, totalmente nova e original.

Que visão era essa e que contribuição pode ela dar à espiritualidade cristã hoje em dia? (*continua na próxima edição*)

Ursula King é Professora e Chefa do Departamento de Teologia Religiosa da Universidade de Bristol, Inglaterra, além de fundadora do Teilhard Centre, sediado em Londres.

Transcrito do site: Ciberteologia

N.E. – Trecho da obra “Cristo em todas as coisas, a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin”. São Paulo - Paulinas, 2002.

A SUPERLATIVA BÍBLIA



Klênia Fassoni

Por ser um livro escrito por tantos autores que viveram ao longo de oitocentos anos, pela preservação inédita das cópias, pelos números que envolvem a tradução, a distribuição, as versões, os leitores, os admiradores, as citações – a Bíblia pode ser considerada um livro superlativo. Mas há algo muito mais importante que faz dela um livro como nenhum outro: ela é a Palavra de Deus!

O MAIS VENDIDO

A Bíblia é disparadamente o livro mais vendido do mundo. As listas não apresentam números uniformes, mas várias delas apontam uma tiragem superior a 6 bilhões de cópias vendidas ao longo dos anos, muito acima do segundo colocado com estimativa de vendas em torno de 900 mil cópias. Apenas em 2016, foram distribuídos no mundo 34 milhões de Bíblias, 14 milhões de Novos Testamentos e 401 milhões de porções das Escrituras, só pelas 147 Sociedades Bíblicas.

O MAIS LIDO. NEM TANTO...

Três edições da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil colocam a Bíblia como o livro mais lido. Sua leitura ocupa lugar de proeminência também em outras partes do mundo. Mas pesquisas sérias e o senso comum indicam que ela não é tão lida assim. Estudo feito pelo Barna Group nos Estados Unidos ao longo de seis anos mostra que apenas 18% da população com 18 anos ou mais lê a Bíblia diariamente. Dentro desse grupo, entre os que afirmam ser cristãos praticantes, apenas 37% têm contato com as Escrituras diariamente fora dos horários de culto.

VOCAÇÃO INTRÍNSECA PARA SER TRADUZIDA

A observação de Erni Seibert, da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), é certa! Sendo o texto básico da fé cristã, a Bíblia “é um livro que nasceu para ser traduzido para todas as línguas existentes sobre a face da terra. A intenção manifesta de Deus, na própria Bíblia Sagrada, é que a sua Palavra alcance todas as línguas e nações”.

A Septuaginta – feita no Egito ao longo dos últimos 200 ou 300 anos antes de Cristo, do hebraico para o grego para a comunidade judaica que não entendia mais o texto bíblico em hebraico - é a mais antiga tradução escrita do Antigo Testamento completo.

A Bíblia de Tyndale – a primeira tradução para o inglês que trabalhou diretamente com os textos hebraico e grego – é também a primeira em inglês produzida em massa. O escritor e tradutor Alberto Manguel conta que foi Tyndale quem “acrescentou ao inglês as palavras Passover (Páscoa dos judeus), peacemaker (pacificador), long-suffering [resignação, longanimidade] e (acho isto inexplicavelmente comovente) o adjetivo beautiful belo]”.

Hoje, 674 línguas (faladas por mais de 5,4 milhões de pessoas) têm uma Bíblia completa. Outras 1.515 línguas (faladas por 631 milhões de pessoas) têm o Novo Testamento. Ainda há 406 milhões de pessoas com apenas algumas partes das Escrituras e mais de 209 milhões de pessoas sem nenhuma Escritura traduzida em sua língua. São 3.773 idiomas sem as Escrituras.

A Aliança Global Wycliffe - que reúne cerca de cem organizações de mais de sessenta nações, disponibilizando pessoal, fundos, treinamentos, tradução e serviço de apoio – está envolvida em pelo menos 2.125 das 2.584 línguas conhecidas com trabalho ativo relacionado às Escrituras.

Pensando nos deficientes visuais e especialmente nos não alfabetizados, é preciso celebrar que a Faith Comes by Hearing tenha viabilizado áudios das Escrituras em mais de 1.100 idiomas.

A BÍBLIA NAS TELAS

Os meios digitais trouxeram “a terceira revolução do livro”, que naturalmente incluiu a Bíblia, fazendo com que o acesso às Escrituras fosse ampliado e reorganizado. O mais popular dos aplicativos é o You Version Bible, uma iniciativa da Life Church em 1996. O aplicativo fechou 2017 perto dos 300 milhões de downloads e já foi baixado em todos os países do mundo. Ele oferece o texto bíblico em 1.710 versões, representando 1.134 línguas. Entre 2016 e 2017, houve crescimento do número de downloads no Brasil de 131%; em Angola, de 733%; e na Índia, de 228%. A comunidade global do YouVersion leu e ouviu 19,7 bilhões de capítulos da Bíblia este ano. Em média, as pessoas ouviram 96,1 capítulos em áudio e leram 532 capítulos a cada segundo de cada dia em 2017.

O Brasil figura como o campeão de distribuição e exportação da Bíblia. Aí está a Bíblia, superlativa! E não há distância entre ela e nós. O que estamos esperando? Está passando da hora de novamente nos comprometermos com a leitura bíblica e incentivar outros a ouvirem Deus falando.

Transcrito da Revista Ultimato



A terrível busca por crianças de ‘alta performance’

José Ruy Lozano*

Os recentes casos registrados de suicídio de estudantes do ensino médio – alunos de tradicionais colégios de São Paulo – causaram perplexidade e tristeza. Embora saibamos que o ato de tirar a própria vida é gerado por angústias de múltiplas origens, é preciso pensar de que maneira o ambiente escolar pode ajudar (ou atrapalhar) a prevenção de situações dessa natureza.

A discussão é ampla, mas há um aspecto a ser destacado: a busca incessante de alguns estabelecimentos escolares pela produção de crianças e jovens de “alta performance”.

Os currículos escolares vêm mudando nos últimos anos, para o bem e para o mal.

Há algumas iniciativas bem-vindas de ampliação do universo cultural e das habilidades dos alunos, ao lado de outras bastante questionáveis, que submetem os estudantes a expectativas e pressões para as quais, ao que tudo indica, eles não estão preparados.

Muitos colégios, já nos anos iniciais, introduzem a disciplina empenhadorismo (o que quer que

isso signifique para crianças de cinco anos) e vendem essa “novidade” como vantagem, a fim de seduzir alguns pais – clientes incautos, preocupados com o futuro dos rebentos.

Mais recentemente, alunos a partir de 14 anos passaram a participar de jogos envolvendo aplicações na Bolsa de Valores. Grupos entram em competição, e ganha a equipe que obtiver a maior rentabilidade nas simulações de investimentos.

O ensino de idiomas também tem se tornado obsessão. Com o discurso de formar cidadãos do mundo ou preparar os jovens para a concorrência no mercado de trabalho, colégios adotam currículos bilíngues, trilingues e até “quadrilíngues” (essa palavra ainda não está dicionarizada, mas não tardará a se popularizar).

Inglês só não basta; afinal, as crianças precisam ter vantagens comparativas. Não importa que não consigam escrever com proficiência nem sequer em português...

Soma-se a essas práticas ditas inovadoras a incessante procura por desempenhos positivos em avaliações massificadas, como Enem, Prova Brasil e vestibulares.

O malfadado ranking de escolas no exame do ensino médio, a despeito de estar sujeito a manipulações marqueteiras fartamente demonstradas, serve como um instrumento de exclusão de alunos com dificuldades pedagógicas em diversos colégios particulares.

A Prova Brasil, por sua vez, começa a ser utilizada como indicador de produtividade de professores, e já existem propostas de vinculação do orçamento de escolas públicas aos índices obtidos na avaliação.

Tudo somado, mais e mais pres-

são sobre os alunos, que precisam entregar resultados!

Está na hora de repensar algumas práticas escolares, especialmente aquelas que visam atender a ânsia do mercado, a busca por sucesso a qualquer preço, à custa dos tempos e espaços que são próprios da infância e da juventude.

* José Ruy Lozano é Sociólogo, autor de livros didáticos, conselheiro do Core (Comunidade Reinventando a Educação) e coordenador pedagógico geral do Colégio Nossa Senhora do Morumbi – Rede Alix
Transcrito da Folha de São Paulo

Que tenhas bom ânimo

Jorge Leão

Por mais que o teu coração insista em permanecer fechado, procura vislumbrar o raio da alvorada que desponta em tua janela.

Por mais estreita que seja a fresta de tua janela, lembra que o caminho a frente te espera para a contemplação de um horizonte infinito, ansioso por sentir os teus passos.

Por mais nublado que esteja o dia, sabe tu que, além das nuvens, o sol permanece vigoroso, disposto a renovar teu ânimo com a energia de sua luz que não desceansa.

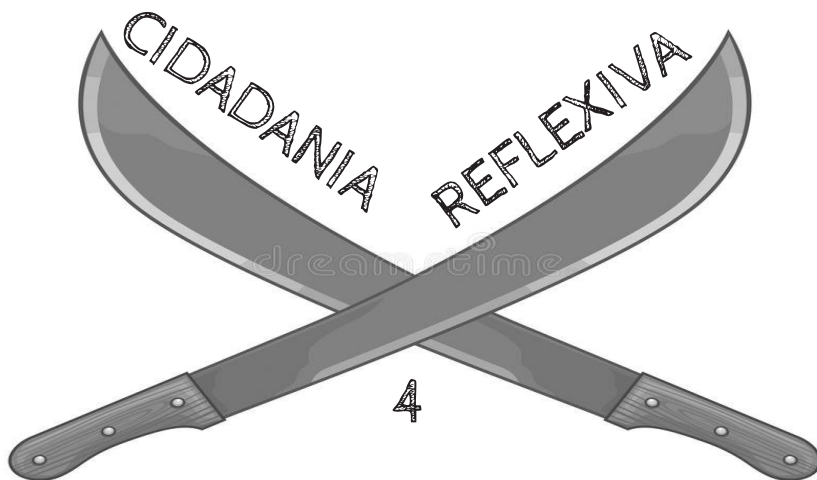
Acende dentro de ti a lâmpada dos que se colocam à disposição do serviço incondicional do Bem, externado em gestos simples de amor e confiança.

Aprende com cada tropeço, permanece vigilante, inunda o teu espírito com a Paz que vem do Alto.

Aprende nas adversidades e compreende que a vida não exige de nós nada além do que possamos dar a ela, de modo simples e puro.

Levanta-te e anda! Respire e contempla. Medita e age!

Namaskar!



4 - Há algo sintomático e de forte componente ideológico na confusão entre o público e o privado que, no Brasil, a cada dia se acentua. Hoje o que é privado é defendido com unhas e dentes, o que é público não vale nada e deve ser corrigido, terceirizado, privatizado, destruído e substituído pelo privado.

Tomar como parâmetro, para a discussão entre o público e o privado, pelo menos a saúde, a educação, o transporte, o esporte, o trânsito, etc.

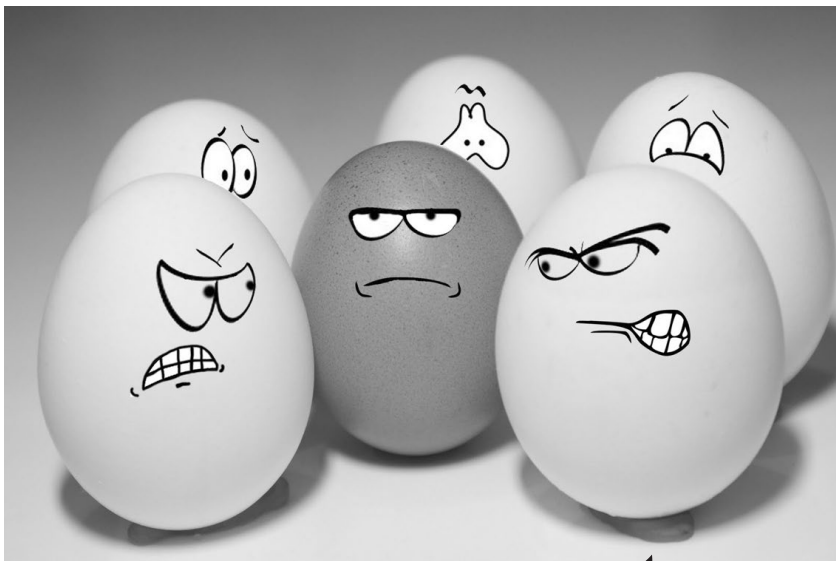
5 - Em pleno século XXI um jovem de 13 anos teve a mão decepada por um facão. Ao ser socorrido, apontou o suspeito e a razão que levou o criminoso a este gesto. Aqui, mais uma vez se constata a ausência do Estado que gera, entre as pessoas, gestos de povos não civilizados. É a vida que segue sendo banalizada pelo mal. Como ver, julgar e agir em nome da construção da cidadania em uma sociedade de paz?

Fonte de inspiração: - Olho por Olho, dente por dente. Daniela Arbex - Tribuna de Minas 19/04/2018

6 - Em mensagem enviada aos brasileiros por ocasião da Campanha da Fraternidade, o Papa Francisco solicita que sejamos protagonistas da superação da violência, transformando-nos em construtores da paz, que é tecida no dia a dia com PACIÊNCIA E MISERICÓRDIA em família, na comunidade, nas relações de trabalho, na relação com a natureza.

Cidadão, leitor: - você tem seguido a orientação do Papa? - Por que? - O que fazer em nome da construção da cidadania?

Oscavo Homem De Carvalho Campos



COMBATE AO RACISMO ALÉM DO LUGAR DE FALA

Luiz Roberto Nascimento Silva *

Fico espantado de ver como ainda hoje muitas pessoas tentam fingir que não há preconceito racial no Brasil. Essa questão é premente e ficou camuflada porque, até agora, o negro não competia economicamente com o branco. Isso está mudando e mudará ainda mais. Abordei o assunto com outros colaboradores no último número da revista “Trieb”, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Como nossas questões estruturais se repetem, precisamos revisá-las numa verdadeira serventia de ideias fixas. Buscar a origem em nossa História. Durante mais de três séculos e meio, vivemos no univer-

so da escravidão. Em determinado momento, o tráfico negreiro foi a maior atividade econômica da Colônia, superando inclusive a exploração do açúcar e a pecuária. Tão dependente era nosso modelo econômico da escravidão que, com seu término, o Império se desconstruiu.

Não podemos, em sã consciência, crer que, após tantos anos de um modelo econômico calcado nela, não se possa perceber suas marcas no país atual. Ao negro foi permitida uma certa mobilidade social apenas em profissões como esporte e show business. Nessas, o talento impõe-se de tal forma que fica quase impossível impedir o reconhecimento. Nas carreiras que dependem de trajetória mais for-

mal, seja educacional ou acadêmica, manteve-se a barreira.

A população negra no Brasil é a maior fora da África, ultrapassando cem milhões de pessoas. Pela primeira vez, de acordo com o IBGE, a população brasileira deixa de ser predominantemente branca, pois os pretos e pardos representam mais de 55% dela. Isso decorre do crescimento demográfico e também do que os técnicos denominam de desejabilidade social: um número maior de pretos e pardos passou a ter orgulho de serem reconhecidos como tal.

Penso que o movimento negro irá se avolumar no Brasil. É provável que num sentido crescentemente antagônico nos anos vindouros. Isso justifica-se pelos inúmeros anos em que ficou contido. Nossa colonização portuguesa foi menos violenta que a espanhola no restante das Américas. O espanhol derrubava os templos indígenas para sobre eles erigir igrejas católicas. Aqui não. O português se amalgamou com nossa gente, construindo uma nação plástica e amena. Nos Estados Unidos, a população branca, com seu puritanismo, destruiu as religiões negras. No Brasil, elas perduraram. A nossa mulataria e o sincretismo religioso são um fato incontornável em diversos estados brasileiros. A miscigenação biológica e o sincretismo religioso, de certa forma, podem ter adiado a consciência do preconceito, o que não ocorreu em outros países onde o antagonismo foi mais contundente.

Esclareço que este escriba é branco, pertence à camada superior da população econômica e socialmente. Não ocupa, portanto, o lugar de fala. Não posso nem de longe saber a intensidade, dureza e dramaticidade como o racismo é exercido contra a população negra. Se insisto nesse tema – mesmo com o risco de ser mal interpretado – é porque ele é essencial para construirmos um país melhor para todos nós: brancos, pretos e pardos. Prefiro o risco à indiferença.

É natural que o lugar de fala seja preponderante na questão do movimento negro como o é na luta das mulheres. Ocorre que, para que ele possa ocupar corações e mentes de toda a população, precisa expandir-se além do território restrito da legitimidade biológica e pessoal. Num verso famoso, João Cabral nos ensinou que: “um galo sozinho não tece uma manhã: / ele precisará sempre de outros galos”. É o que esse escriba faz ao cantar quando nasce essa manhã.

Miscigenação e sincretismo religioso de certa forma podem ter adiado a consciência do preconceito, o que não ocorreu em outros países, onde o antagonismo foi mais contundente.

**Luiz Roberto Nascimento Silva é Advogado e foi ministro da Cultura*

Transcrito de O Globo

PARA REFLEXÃO: Por que não se pensa no ser humano, independentemente de raça, conforme a proposta de Jesus Cristo?



Demência na Doença de Alzheimer

Sérgio Rodrigues*

O dia 21 de setembro é mundialmente dedicado à conscientização sobre a Demência na Doença de Alzheimer. Há 110 anos, Alois Alzheimer, pela primeira vez, apresentava à comunidade científica o estudo que fez com sua cliente, a sra. Augusta Deter, revelando uma doença degenerativa, progressiva e irreversível, que em 1911 recebeu o seu nome no célebre tratado de psiquiatria de Emil Kraepelin. Mais de um século se passou, e sua contribuição científica ainda é considerada um marco fundamental para o diagnóstico da doença.

Embora com todo o conhecimento que se tem em nossos dias, podemos dizer que ainda é uma doença pouco reconhecida e, muitas vezes, não recebe o tratamento hoje disponível. A Doença de Alzheimer tem como o seu primeiro fator de risco a idade, fator este que já mostra uma significativa melhoria na qualidade de vida das pes-

soas, mas traz consigo o risco das doenças demenciais. A Demência secundária à Doença de Alzheimer é a forma mais comum encontrada na população idosa, em que uma em cada nove pessoas com 65 anos de idade ou mais tem a Doença de Alzheimer.

Algumas perguntas, ainda hoje, permanecem sem respostas concretas, como: eu vou ter Doença de Alzheimer? Esta doença tem cura? Atualmente, as drogas disponíveis para o uso na doença são capazes de reduzir a velocidade de piora do quadro clínico, com isso, reduzindo também a carga de trabalho dos familiares e cuidadores. Da avaliação clínica já dispomos de algumas ferramentas que nos ajudam a firmar o diagnóstico em possível, provável e definitivo.

Um dos primeiros sinais e sintomas da Doença de Alzheimer é o esquecimento para situações e eventos recentes, evoluindo concomitantemente com alguma dificuldade no exercício de suas

atividades mais complexas, como gerenciar conta bancária, fazer compras sem acompanhante, ser capaz de compreender o conteúdo de um programa e/ou o tema de uma mensagem, lembrar de compromissos futuros e outras situações que exigem um maior nível cognitivo para a sua realização.

A questão-chave é: como fazer para diminuir as chances de vir a desenvolver essa doença? Um trabalho apresentado no último congresso da Alzheimer's Association International Conference 2017, em Londres, focou algumas condutas que, no con-

junto, podem reduzir a incidência da doença na população em 35% nos próximos anos, tais como o nível de escolaridade, o controle da hipertensão arterial, da obesidade, da perda auditiva, da doença depressiva, do diabetes, da inatividade física, do tabagismo, além de se enfrentar a pouca participação social. Esses fatores são passíveis de serem adotados, com isto, contribuindo para reduzir a possibilidade da instalação da doença.

**Sérgio Rodrigues é
Neuropsiquiatra*

Transcrito da Tribuna de Minas

Cada família do MFC

1 ASSINATURA POR ANO:

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

fato e razão



Assinatura anual: R\$ 34,00



Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês...



Faça um cheque nominal, cruzado ao MFC ou



Efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 - Banco do Brasil;



Envie os dados pelo E-mail da Revista ou pelo **Whatsapp (32) 98702-1600**



E-mail: livraria.mfc@gmail.com

**Distribuidora Fato e Razão - Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 3601 0-520**

Desabamento moral

Vera Iaconelli*

Avó paterna das minhas filhas contava que, ao chegar a São Paulo pela primeira vez, nos anos 1960, não foram os arranha-céus ou o trânsito que a impressionaram. Foi a visão de um homem puxando uma carroça que a siderou. Até então, a pobreza do campo, ainda que nefasta, nunca lhe havia sido retratada por um homem ocupando o lugar destinado a um boi ou cavalo. Professora de português e profunda conhecedora da obra de Clarice Lispector – amor que transmitiu para as netas –, viu-se diante de uma versão urbana da pobreza que ameaça a própria ideia de humanidade. Certamente não imaginava a grande possibilidade de se tratar de um “boia-fria”

empurrado para a capital, fugido da miséria rural.

Segundo o IBGE, a região metropolitana de São Paulo – considerada o maior polo de riqueza do país – tem em torno de 700 mil pessoas vivendo na pobreza extrema. Elas não têm condições de se inserir no mercado de trabalho, ainda que houvesse oferta de emprego – que não há. Quem contrataria como faxineira uma mulher maltrapilha, desdentada e faminta?

Quando ouvi minha sogra contando sua experiência, me dei conta de minha própria naturalização do fato, pois nasci em São Paulo e não me lembrava da primeira vez em que havia visto um homem puxando uma carroça. Na infância devo ter achado curioso, na adolescência, repugnante, e na vida adul-



ta, constrangedor. A pobreza é um problema mundial, que o homem que vai à lua não tem sido capaz de resolver. Mas as interpretações que lhe damos têm cores locais.

Parte fundamental da função de criar os filhos é lhes interpretar o mundo. A família é o primeiro filtro por meio do qual a criança verá seu entorno. Ensinamos o “não” para aquilo que não desejamos que façam, nomeamos os objetos e suas funções, contamos histórias sobre nossa família, sobre nosso país e nosso planeta. Inventamos céu, inferno e “estrelinhas” para responder sobre a morte.

A escola trará outras versões, ampliando as alternativas das histórias familiares. Por fim, espera-se que os filhos façam a “curadoria” das interpretações às quais tiveram contato e, se tiverem liberdade e um bom acesso ao mundo, poderão tirar suas próprias conclusões.

Que mundo devemos ajudá-los a nomear hoje? Homens puxando carroças, a praça da Sé tomada por indigentes que fazem de seus lindos chafarizes chuveiro, pia e vaso sanitário. As ruas do centro cobertas por barracas improvisadas para as noites, prédios abandonados servindo de abrigo para inúmeras famílias.

Como apresentamos essa realidade aos nossos filhos, qual a versão que lhes contamos? Longe de sermos

impotentes – crença que nos desresponsabiliza –, somos os grandes formadores de opinião, por meio das interpretações que lhes oferecemos.

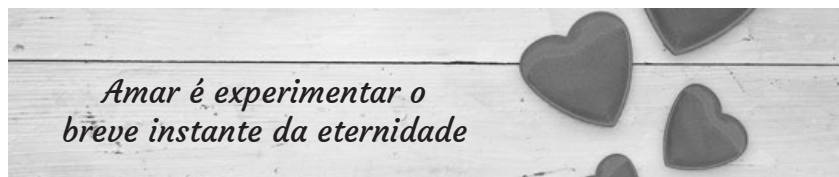
Não bastasse a tragédia do desabamento do prédio no largo do Paissandu, assistimos às versões mais indignas sobre o fato, nos dias que se seguiram ao acontecimento. Culpar as vítimas revela o medo que nutrimos de uma pobreza a qual podemos sucumbir. E como aqui pobreza é sinônimo de perda da cidadania, de todos os direitos sociais e da falta de recursos públicos (transporte, saúde, escola e moradia), temos o que temer. Movimentos sociais, que cuidam dessas pessoas com seriedade, são confundidos levemente com alguns oportunistas, sempre de plantão, que exploram sua vulnerabilidade. É a ausência do poder público que se mostra aí.

A questão que fica: apresentamos a nossos filhos “o homem que puxa a carroça” como alguém que está à margem de uma sociedade que lhe vira as costas ou como um “marginal”, leia-se bandido?

A potência dessas versões nos revela como pais, como cidadãos e vai ser testada nas urnas em breve.

**Vera Iaconelli é Psicanalista, fala sobre relações entre pais e filhos, mudanças de costumes e novas famílias do século 21.*

Transcrito da Folha de São Paulo



DIA MUNDIAL DOS POBRES



“A fome e a miséria, um pouco atenuadas em função das últimas políticas públicas adotadas pelo Brasil, como o Bolsa Família, voltam a rondar o país”

Equipe Igreja em Marcha*

A Igreja encerrou em 19 de novembro de 2017, a Jornada Mundial dos Pobres, com o tema: “Não amemos com palavras, mas com obras”. Neste dia, celebra-se o Primeiro Dia Mundial dos Pobres, instituído pelo Papa Francisco. Trata-se, segundo mensagem do Papa, publicada no dia 17 de junho deste ano, de um convite dirigido a todos, independentemente de sua crença religiosa, para que se abram à partilha com os pobres em todas as formas de solidariedade, como sinal concreto de fraternidade. Segundo o santo padre, o amor não admite alibis. “Quem pretende amar como Jesus amou deve assumir o seu exemplo, sobretudo quando somos chamados a amar os pobres”, diz trecho

do texto. Segundo o arcebispo de Salvador, dom Murilo Krieger, “a intenção do Papa é a de despertar o mundo – países e pessoas e de acordá-lo para a triste realidade de nosso tempo”, disse. A pobreza e a fome ameaçam, milhões de pessoas pelo planeta, porque faltam o senso de solidariedade e o respeito aos mais pobres, aponta o bispo.

A Ação da Cidadania volta a realizar a campanha Natal sem Fome após dez anos. Segundo um estudo divulgado em fevereiro pelo Banco Mundial, o número de pessoas vivendo na pobreza no Brasil deverá aumentar entre 2,5 milhões e 3,6 milhões até o fim de 2017. Esses são sinais claros de que a fome e a miséria, um pouco atenuadas em função das últimas políticas públicas

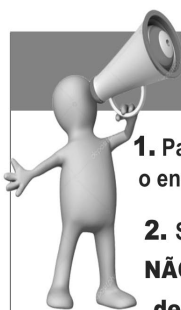
adotadas pelo Brasil, como o Bolsa Família, voltam a rondar o país.

Dom Murilo Krieger afirma que, “se há um país onde a palavra ‘pobre’ não deveria existir, esse país é o nosso. Temos uma natureza maravilhosa, riquezas minerais imensas, um clima excelente; não temos problemas naturais tão comuns em outros países, e que causam desgraças e prejuízos imensos. Não temos, contudo, a consciência de que os pobres não são pobres por acaso. Já em 1979, em Puebla, os bispos diziam que o grande problema nosso é a injustiça institucionalizada, como

parte de nossas estruturas. Aí estão os escândalos de corrupção que são denunciados a cada dia, a nos mostrar que, quando falta o devido cuidado com os bens do país, crescem o enriquecimento de alguns e o empobrecimento de multidões. Espero que o apelo do Papa tenha eco em nossa terra de Santa Cruz”.

Instituído pelo chefe da Igreja Católica na conclusão do Ano Santo Extraordinário da Misericórdia, o primeiro Dia Mundial dos Pobres será celebrado pela Igreja em todo o mundo no 33o domingo do Tempo Comum.

Transcrito da Tribuna de Minas



AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize PREFERENCIALMENTE o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR, pelo tel (32) 3214.2952, de 13:00 às 18:00 ou pelo endereço eletrônico da livraria MFC:

livraria.mfcgmail.com ou ainda pelo whatsapp (32) 98702-1600.

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.



Temos o máximo interesse em mantê-lo como assinante.

DIVERSIDADE DA VIDA



Sérgio Besserman Vianna -

Estamos destruindo a vida em escala assombrosa. A crise de biodiversidade, a extinção das espécies vivas da natureza do nosso tempo, é uma degradação que já ultrapassou em muito a fronteira do perigo.

Não para a natureza, que não tem problema algum no tempo dela, de milhões, dezenas de milhões de anos. A humanidade não tem poder nessa escala de tempo, apesar de sermos muito poderosos no nosso mísero tempinho curto de milhares, dezenas de milhares de anos.

O planeta já passou várias vezes por gigantescas crises de extinção da vida. As cinco maiores são conhecidas em biologia e geologia como “As Grandes Extinções” e, se a humanidade existisse em qualquer uma delas, com todas as forças que possui hoje, a probabilidade de que um único humano sobrevivesse tenderia fortemente a zero.

O que a ciência nos ensina? Que, de cinco a dez milhões de anos depois, a vida terá ocupado novamente todos os nichos ecológicos do planeta. Diferente e ainda mais biodiversa. Se destruirmos grande parte da vida, em um estalar de dedos (em sua escala de tempo), a vida ressurgirá. Mas a humanidade, não. Terá desaparecido para sempre.

A ciência tem demonstrado que estamos destruindo a vida em escala assombrosa, em velocidade similar à das grandes extinções. As duas maiores causas hoje são o uso do solo, especialmente o desmatamento, e as espécies exóticas. E então virá um tsunami: o aquecimento global.

Quando o tema surgiu, tratava-se de uma questão de valor, de amor à vida. Muitos dos humanos temos amor à natureza, aos biomas, aos animais, às plantas e sentimos indescritível horror frente à possibilidade de, sem necessidade alguma para o bem-estar da humanidade,

eliminarmos para todo o sempre essas maravilhas da vida.

Desenvolvimentistas rasteiros ridicularizavam: são poetas, amam bichos e plantas e esquecem a pobreza, o crescimento econômico etc. O que a ciência nos ensina? Que os “poetas” estavam intuitivamente certos e que os argumentos dos “desenvolvimentistas” eram pura ignorância.

A crise de biodiversidade está se tornando, se não mudarmos de rumo, a sexta grande extinção. Há custos elevados: um reservatório genômico com potencial de curar muitas doenças e aumentar muito a produtividade e a sustentabilidade vai desaparecer antes de ser conhecido, e biomas destruídos não prestarão os serviços ecossistêmicos que ofertam hoje provocando colapsos

no abastecimento de água, produtividade agrícola etc.

Difícil pensar em melhor exemplo do que o fato de que o desmatamento da Amazônia tende a provocar uma dramática redução na oferta de água no Sudeste brasileiro.

Mas o maior problema é outro. Trata-se de gestão de risco. Conhecemos muito pouco ou quase nada sobre quantas espécies existem, como elas se relacionam, sobre a biosfera, enfim. Dependemos totalmente dela. E estamos provocando a Sexta Grande Extinção. Você assinaria esse contrato? Por enquanto, está assinado e sendo cumprido.

* Sérgio Besserman Vianna é
Presidente do Instituto Jardim
Botânico do Rio de Janeiro

Transcrito de O Globo

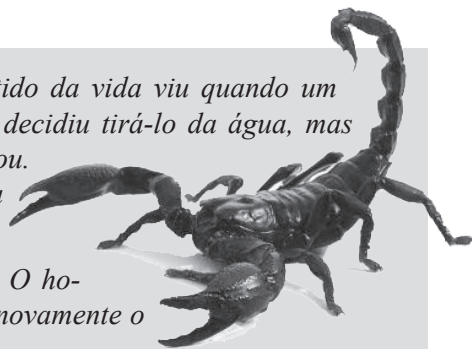
Um pescador já idoso e curtido da vida viu quando um escorpião estava se afogando e decidiu tirá-lo da água, mas quando o fez o escorpião o picou. Pela reação de dor, o velho soltou e o animal caiu de novo na água.

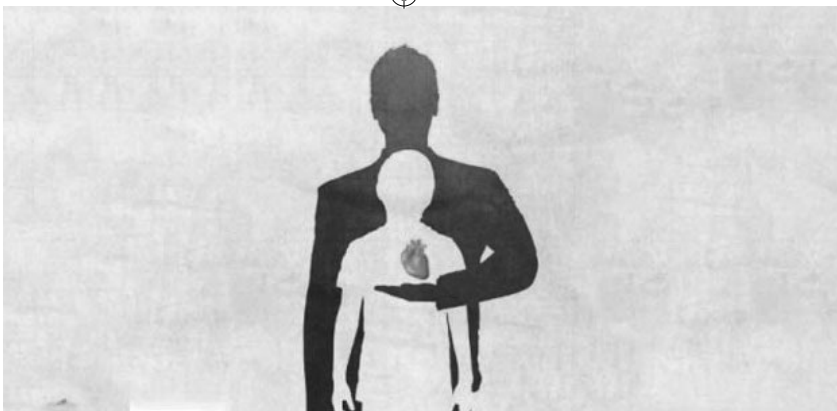
Estava se afogando de novo. O homem tentou tirá-lo novamente e novamente o animal o picou.

Alguém que estava observando se aproximou do velho pescador e lhe disse: “Desculpe-me, mas você é teimoso! Não entende que todas as vezes que tentar tirá-lo da água ele irá picá-lo?”

Ele respondeu: “A natureza do escorpião é picar, e isto não vai mudar a minha, que é ajudar”.

Então, com a ajuda de uma folha o pescador tirou o escorpião da água e salvou sua vida.





Doação de órgãos, o início do MILAGRE

Gláucio S. de Souza*

Vinte e sete de setembro é Dia do Doador de Órgãos. Neste mês, campanhas de conscientização convidam famílias a conversarem sobre o tema. A data remete a Cosme e Damião, médicos que no século IV realizaram um milagre transplantando a perna de um mouro em um capelão, e ele voltou a andar. É mês de transformação, florescer da natureza e renascer da vida. Neste contexto que a campanha atua.

Doar órgãos é uma oportunidade de ressignificar a morte, transformar luto em solidariedade. Cada doador pode ajudar até oito pessoas e, assim, transformar vidas. A doação, por excelência, é espontânea e nobre. Seja pelo próprio doador, nos transplantes intervivos, ou pelos familiares, no caso de doações *post mortem*. Quando ocorre a morte encefálica (ME), o coração ainda bate por algumas horas, e é nesse intervalo que são feitos os testes para comprovar o óbito e possibilitar a doação.

Em 1968, a Universidade Harvard publicou relatório do Comitê Multi-institucional que define morte encefálica quando há coma irresponsivo, ausência de reflexos do tronco encefálico e parada de movimentos respiratórios espontâneos.

Relatos do Papa Pio XII, na década de 1950, reconheciam a irreversibilidade do quadro e o papel dos médicos na confirmação do diagnóstico. Em 1997, o Conselho Federal de Medicina estabeleceu que o diagnóstico de ME será dado após avaliação de dois médicos e um exame complementar que comprove o diagnóstico.

Sob esses critérios, o quadro é irreversível, e a declaração de óbito pode ser emitida, ainda que o coração esteja a bater. Diagnosticada a ME, a doação de órgãos acontece se a família do doador estiver de acordo e assinar a autorização. Todo o processo é regulado pelo Ministério da Saúde, através do MG-Transplantes.

No primeiro semestre de 2017, a lista de espera no Brasil registra-

va 32.956 pessoas aguardando um transplante; destas, 1.158 faleceram esperando um órgão. Para atender a demanda é preciso haver doadores. No Brasil, a taxa de doação efetiva foi de 14,9 doadores por milhão de habitantes, enquanto em Minas Gerais esse número foi de 9,8. Os dados sinalizam que há muito a se

fazer na construção de um Sistema de Transplantes que atenda às necessidades de nossa população e possa transformar a morte em vida.

**Gláucio S. de Souza é Cirurgião do Serviço de Transplante de Fígado, da Santa Casa de Juiz de Fora
Transcrito da Tribuna de Minas*

Os perguntadores Stephen Hawking e Jó

Ariane Gomes

O famoso físico britânico Stephen Hawking morreu aos 76 anos, no dia 14 de março de 2018. Os estudos de Hawking se destacam pela contribuição na maneira de entender os buracos negros e a origem do universo. Segundo especialistas, Hawking fez muitas perguntas e tentou desvendá-las com ajuda da lógica e da ciência, sem recorrer a pensamentos religiosos ou dogmáticos.



Jó, o homem da terra de Uz, em sua experiência de perda e dor, também fez perguntas não científicas, mas muito difíceis: “Por que não morri ao nascer?” (Jó 3.11); “Por que os infelizes continuam vendo a luz?” (3.20) “Por que viver, se não há esperança?” (6.11).

As perguntas do estudioso Hawking foram dirigidas à ciência, as de Jó, a Deus. As respostas obtidas por Hawking são fruto de cálculos, análises e anos de dedicação ao trabalho. As respostas dadas a Jó vêm de Deus, são imutáveis e o colocam para pensar: “Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra (38.4); “Onde está o caminho para a morada da luz? E quanto às trevas, onde é o seu lugar, para que as conduzas aos seus limites e discernas as veredas para a sua casa?” (38.19-20).

As indagações e respostas do perguntador Hawking ajudaram a humanidade a aproximar-se de questões sobre a dinâmica do universo, e as do perguntador da terra de Uz, a aproximar-se de Deus. No final da conversa, Já diz acerca de Deus: “Antes eu te conhecia só por ouvir falar, mas agora eu te vejo com os meus próprios olhos” (42.5)

Ariane Gomes é pedagoga e colaboradora da revista Ultimato



Priscila Cruz*

Aos que pretendem se candidatar nas eleições deste ano, um recado: se você é pela família, pela sustentabilidade, pela justiça social, pelo crescimento econômico, pelo emprego e pela renda, contra o crime, seja qual for a sua bandeira, você é e tem que ser pela educação. Caso contrário, tudo é promessa vazia.

Educação não é apenas importante, mas uma exigência para nossa sobrevivência, como indivíduos e como nação. É a condição mais urgente para a reconstrução do país.

Neste ano vamos escolher de que lado realmente estamos. Gerações passadas optaram por uma série de estratégias com vistas ao desenvolvimento do Brasil, porém com resultados muito limitados e insuficientes para promover crescimento sustentável, distribuição maior de renda, menos violência e corrupção, mais saúde e uma democracia mais forte.

Tentamos vários caminhos, sempre evitando investir em nossa gente. Será que não acreditamos em nós mesmos? Sim, claro, a economia tem que funcionar, ajustes e reformas precisam ser feitos, a infraestrutura necessita avançar, as instituições devem rumar para o caminho da solidez.

Qual o alcance disso tudo, contudo, sem pessoas preparadas, sem inovação, sem conhecimento ampliando-se e disseminando-se?

É o que vivemos: uma eterna frustração, que se perpetuará enquanto não priorizarmos a educação pública de qualidade para todos.

A nosso favor, por incrível que pareça, está o fato de vivermos uma profunda crise de múltiplas dimensões. Países que colocaram a educação no centro de seu projeto de nação fizeram-no porque também estavam em crise: a Austrália, depois do enfraquecimento da Commonwealth; a Finlândia, a partir do esfacelamento da União Soviética; a Coreia do Sul e a Polônia, após as

duas grandes guerras e, mais recentemente, Portugal, em decorrência de sucessivas crises econômicas.

Além de posicionarem o ensino como eixo principal de seus projetos de desenvolvimento social e econômico, esses países escolheram bem suas metas educacionais, fizeram um planejamento de longo prazo e colocaram em prática suas políticas.

Isso se nota não apenas nesses casos, como também no de algumas cidades e Estados brasileiros capazes de mudar o patamar de qualidade em muito menos tempo. Não é necessário esperarmos décadas para darmos o salto: bastam três gestões, 12 anos, para uma revolução na educação brasileira. E ela precisa começar agora.

O Brasil já conta com um programa de metas, o Plano Nacional de Educação, mas ele não é, e nem deveria ser, um planejamento estratégico. Os governos carecem de uma perspectiva de longo prazo que atravessasse gestões.

Para avançarmos precisamos do sequenciamento correto das políticas, progressividade e a condição mais importante excelência na implementação, para que essas dire-

trizes cheguem à sala de aula e, de fato, a melhorarem.

O desenvolvimento social e econômico que almejamos não pode ser alcançado sem educação não apenas como propulsora de uma nação à altura do protagonismo que deveria exercer, mas como fio condutor de histórias de vida menos cruéis, apartadas, ceifadas por um destino selado muitas vezes em seus primeiros anos.

A narrativa que queremos contar no futuro é outra: a de uma geração que mudou o rumo da nação, que resolveu confiar nos brasileiros para a construção de um país melhor para todos.

O que pode unir essa nação dividida é a certeza de que a educação pode ser a propulsora de um novo tempo. Sem retórica inflamada ou salvacionista, mas com ações vigorosas, corajosas e efetivas. Aos que pretendem se candidatar às eleições deste ano, educação já!

**Priscila Cruz é mestre em administração pública pela Harvard Kennedy School (EUA) e fundadora e presidente-executiva do movimento Todos Pela Educação
Transcrito da Folha de São Paulo*

**MINEIRO NÃO TEM INFARTO.
TEM UM TREM NO CORAÇÃO**





Era das incertezas

Frei Betto

Vivemos na era de incertezas. Há mais perguntas que respostas. Mais dúvidas que certezas. Navegamos à deriva na terceira margem do rio. Abandonamos a primeira, a modernidade com sólidos paradigmas filosóficos e religiosos, e ainda não sabemos como se configurará a segunda, a pós-modernidade.

Estão em crise as grandes instituições pilares da modernidade: o Estado, a Família, a Escola e a Religião. Vigoram modelos e propostas para todos os gostos.

Em meio à turbulência, emerge com nitidez o mundo hegemônico pelo capitalismo neoliberal. A financeirização da economia supera a produtividade. A regulação da sociedade se desloca das mãos do Estado para as do mercado.

Se, no século passado, a Europa fez concessões à social-democracia como antídoto à ameaça socialista, agora os direitos sociais retrocedem e novas tecnologias tornam obsoleto o trabalho humano.

Como tudo que é sólido desmancha no ar, é preciso criar exceções e dar consistência ao sistema “globocolonizado” de consumismo e hedonismo. Assim, difunde-se a ideologia da privatização, concomitante ao esgarçamento das instituições. Privatiza-se a política. Já que os políticos fracassaram, entrega-se a administração pública a empresários bem-sucedidos. Já que os partidos se desmoralizaram, cada um que lance mão de seu celular e faça dele sua tribuna de ódio ou aplauso.

Para sustentar essa democracia virtual sobre abissal desigualdade social, cria-se a cultura da aparta-

ção. UPPs, não para combater o crime organizado, e sim para assegurar que a turba ignara desça dos morros em fúria ensandecida. Se desaba um prédio ocupado por pessoas sem-teto, a culpa é das vítimas. O discurso do ódio é legitimado até pelo STF ao confundir graves ofensas à honra alheia com liberdade de expressão.

Passamos da era analógica à digital. Mudam também os padrões de relacionamentos. O valor do outro depende de sua posição no mercado. E fora do mercado não há salvação.

Nem tudo, entretanto, se ajusta à mercantilização do planeta em detrimento dos direitos humanos. E o maior desajuste reside em nossa relação com a natureza. Esgotou-se o tempo. A ânsia de lucro poluiu o ar, o mar e a terra. Ou mudamos os nossos paradigmas socioambientais ou a Terra voltará a viver como ao longo de milênios, sem a nossa incômoda presença.

Há que se adotar o desenvolvimento sustentável, no qual estejam incluídos o ecológico, o social e o cultural. No fim da década de

1940, o Japão, arruinado pela guerra, era mais pobre que o Brasil. E 40 anos depois, quando o nosso país se destacou como a 8ª economia do mundo, o Japão já figurava entre as cinco primeiras. Havia promovido uma revolução educacional, o que jamais fizemos.

Nosso modelo de desenvolvimento continua predatório, e são tímidas as iniciativas para que, neste país ensolarado, as energias eólica e solar prevaleçam sobre as fósseis, tão poluidoras do meio ambiente. É preciso mudar os paradigmas do que entendemos por progresso e avanço civilizatório. Os países europeus e os EUA comprovam que crescimento do PIB não significa redução da desigualdade social. E, como tem acentuado o Papa Francisco, desenvolvimento que não tem centralidade no ser humano, e sim do acúmulo do capital privado, é antiético.

Quicá os índios andinos tenham algo a nos ensinar quando sublinham a diferença entre “viver bem” e “bem viver”.

Transcrito de O Globo

O sol brilha sobre o ouro e sobre o lixo. Quando o sol brilha sobre o ouro, o ouro lhe devolve o brilho. Quando o sol brilha sobre o lixo, o lixo não devolve nada. Assim se pode dizer que o dom da Graça é dado a cada Ser. Mas a questão é fazer brilhar aquilo que nos foi dado,

Jean Yves Leloup

PEDAGOGIA DO SABÃO

Faz algum tempo, a Folha de São Paulo publicou uma entrevista com Tião Rocha, da qual transcrevemos um trecho:



Folha - E a pedagogia do sabão?

Rocha Ela surgiu há 23 anos lá em Curvelo (MG). Eu fui chamado para interagir com as escolas públicas da prefeitura. Recebi uma pilha de relatórios. Todos listavam as necessidades: material de limpeza, água, comida e por aí vai.

Até que a dona Margarida, uma professora leiga, chegou perto de mim e falou: “Na minha lista tem um bocado de coisa que eu posso fazer. Sabão, detergente”. Eu estranhei e perguntei como fazia sabão. Ela falou. Eu não acredito que um cara que estudou na universidade no sabe fazer sabão’. Pois eu não sabia.

Logo ela contou que, para fazer sabão, não ia precisar de nada, pois tinha tudo na escola. Ora, e por que ela não fazia?Onde?, ela perguntou. Eu respondi pode, pode tudo.

Passadas umas duas semanas, o sabão que ela fez com os meninos da quarta série rendeu tanto que metade ficou para a escola e metade foi para as famílias dos meninos. Os pais queriam mais. E eu disse: “Vai fazer sabão com eles”.

Passado um tempo, ela tinha feito 15 tipos de sabão: de abacate, de mamão, de pequi etc. Em três meses,

eram 85 itens. Hoje são mais de 1700 itens de tecnologia de baixo custo.

Depois eu percebi que aquilo tinha virado um pretexto para falar da vida. Passei a usar pretexto para as reuniões de comunidade: fazer sabão, fazer remédio etc. Virou um ritual em que as pessoas deixam um lugar de consumidor e passam a um lugar de produtor.

Comecei a adotar isso em tudo. Com os meninos do projeto Ser Criança, que eu juntei pela primeira vez há 22 anos lá em Curvelo, propus uma aposta no dia em que a gente não conseguisse inventar os próprios brinquedos, eu começaria a comprar. Nunca perdi. O lixo limpo vira sucata, a sucata vira matéria-prima. Até que virou negócio, uma fabriqueta de brinquedos. A partir da pedagogia do sabão, criamos uma cooperativa que cria brinquedos.

Tião Rocha, educador, antropólogo, folclorista e mentor do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, recebeu o prêmio Empreendedor Social 2007 pela inovação, sustentabilidade e impacto social de suas ações pedagógicas iniciadas em Minas Gerais, hoje implementadas em sete estados brasileiros e adotados em Moçambique e na Guiné Bissau, África.

Preparar as crianças contra as



Stéphanie Habrich*

A propagação de notícias falsas já mostrou seu poder de influenciareleições e dividir sociedades, potencializando preconceitos e ódios. Que efeito terá em crianças e jovens que não receberam uma formação para a leitura de notícias?

Sem entender o que se passa ao redor, as crianças não se sentem parte da sociedade. Elas ouvem, principalmente pela televisão, e leem na internet o que está circulando no momento. Percebem quando algo de grave ocorre, até porque podem viver em casa o problema estampado nas manchetes dos jornais, como o desemprego dos pais.

Já ouviram falar de “fakenews”, mas não sabem em quem confiar nem como identificar a credibilidade de uma informação.

As marcas de grandes veículos de comunicação não significam muito quando as crianças são questionadas a distinguir notícias falsas das reais. Os fatos que parecem absurdos, principalmente os vindos do universo da política, não as chocam. Diferenciar informação de opinião é difícil para elas.

Como muitos adultos também se mostram incapazes de detectar uma notícia falsa, as crianças acabam muitas vezes sem orientação. Ficam à margem do debate.

Encontra-se aí um grave problema: se elas não tiverem formação para ler notícias e não exercitarem o senso crítico para se protegerem de informações mentirosas, iremos perder uma geração inteira que poderia (e deveria) promover as mudanças que tanto queremos.

As crianças são curiosas por na-

tureza e querem se informar. Além disso, têm o direito de acesso às mídias e de participação no debate público assegurado pela Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia-Geral da ONU em 1989 e assinada pelo Brasil em 1990.

Há mais de uma década edito periódicos destinados ao público infanto juvenil. Um deles é o jornal “Joca”, que trata, quinzenalmente, dos principais assuntos da mídia em uma linguagem adequada aos jovens e às crianças.

A experiência mostra que, tendo acesso a notícias adequadas aos seus repertórios e contextualizadas, sentem-se parte da sociedade e tornam-se mais autônomas.

Em várias ocasiões, impressionei-me com o protagonismo dos leitores mirins. Crianças de uma região carente do interior de São Paulo, que leram os textos sobre a crise dos refugiados sírios no “Joca”, organizaram um brechó com suas próprias roupas e entregaram o dinheiro a algumas famílias de refugiados que estão no Brasil.

Outras mobilizaram-se para organizar uma olimpíada, após terem lido sobre o problema da obesidade infantil no Brasil. Algumas explicaram o impeachment aos seus pais. Alunas

também doaram seus cabelos para campanhas de crianças com câncer.

O problema das “fake news” é mais grave do que se imagina. Caso não seja combatido desde a base, teremos crianças e jovens deixando de ler ou descrentes até de veículos com credibilidade.

Isso os deixará paralisados, sem saber como agir e vulneráveis a toda espécie de manipulação.

Jovens e crianças bem informados entendem o que se passa ao redor, formam as próprias opiniões e se tornam cidadãos críticos e ativos. Lutam por seus direitos, cumprem seus deveres e têm as ferramentas necessárias para construir um futuro melhor para o nosso país.

Não há maneira de controlar o que nossos filhos leem ou veem o tempo todo, mas podemos incluí-los no debate, compartilhar e discutir notícias com eles, ensinando-os a buscar fontes confiáveis e a exercitarem o senso crítico.

Se perdermos essa geração para as “fakenews”, que líderes teremos e o que eles farão pelo Brasil daqui a 20 anos?

Stéphanie Habrich é fundadora e sócia-diretora da Magia de Ler, organização que produz o jornal Joca, voltado para jovens e crianças
Transcrito da Folha de São Paulo

Aquilo que se faz por
amor está sempre
além do bem e do mal.



Uma crônica sobre o VIVER

Era seu último dia de vida, mas ele ainda não sabia disso. Naquela manhã, sentiu vontade de dormir mais um pouco. Estava cansado porque na noite anterior fora se deitar muito tarde. Também não havia dormido bem. Tinha tido um sono agitado. Mas logo abandonou a ideia de ficar um pouco mais na cama e se levantou, pensando na montanha de coisas que precisava fazer na empresa.

Lavou o rosto e fez a barba correndo, automaticamente. Não prestou atenção no rosto cansado nem nas olheiras escuras, resultado das noites mal dormidas. Nem sequer percebeu um aglomerado de pelos teimosos que escaparam da lâmina de barbear.

“A vida é uma sequência de dias vazios que precisamos preencher”, pensou enquanto jogava a roupa por cima do corpo.

Engoliu o café e saiu resmungando baixinho um “bom-dia”, sem convicção. Desprezou os lábios da esposa, que se ofereciam para um beijo de despedida. Não notou que os olhos dela ainda guardavam a doçura de mulher apaixonada, mesmo depois de tantos anos de casamento. Não entendia por que ela se queixava tanto da ausência dele e vivia reivindicando mais tempo para fica-

rem juntos. Ele estava conseguindo manter o elevado padrão de vida da família, não estava? Isso não bastava?

Claro que ele não teve tempo para esquentar o carro nem sorrir quando o cachorro, alegre, abanou o rabo. Deu a partida e acelerou. Ligou o rádio, que tocava uma antiga canção do Roberto Carlos, “detalhes tão pequenos de nós dois...”

Pensou que não tinha mais tempo para curtir detalhes tão pequenos da vida. Anos atrás, gostava de assistir ao programa de Roberto Carlos nas tardes de domingo. Mas isso fazia parte de outra época, quando podia se divertir mais.

Pegou o telefone celular e ligou para sua filha. Sorriu quando soube que o netinho havia dado os primeiros passos. Ficou sério quando a filha lembrou-o de que há tempos ele não aparecia para ver o neto e o convidou para almoçar. Ele relutou bastante: sabia que iria gostar muito de estar com o neto, mas não podia, naquele dia, dar-se ao luxo de sair da empresa. Agradeceu o convite, mas respondeu que seria impossível. Quem sabe no próximo final de semana? Ela insistiu, disse que sentia muita saudade e que gostaria de poder estar com ele na hora do almoço. Mas ele foi irredutível: realmente, era impossível.



Chegou à empresa e mal cumprimentou as pessoas. A agenda estava totalmente lotada, e era muito importante começar logo a atender seus compromissos, pois tinha plena convicção de que pessoas de valor não desperdiçam seu tempo com conversa fiada.

No que seria sua hora do almoço, pediu para a secretária trazer um sanduíche e um refrigerante diet. O colesterol estava alto, precisava fazer um check-up, mas isso ficaria para o mês seguinte. Começou a comer enquanto lia alguns papéis que usaria na reunião da tarde. Nem observou que tipo de lanche estava mastigando.

Enquanto relacionava os telefonemas que deveria dar, sentiu um pouco de tontura, a vista embaçou. Lembrou-se do médico advertindo-o, alguns dias antes, quando tivera os mesmos sintomas, de que estava na hora de fazer um check-up. Mas ele logo concluiu que era um mal-estar passageiro, que seria resolvido com um café forte, sem açúcar.

Terminado o “almoço”, escovou os dentes e voltou à sua mesa. “A vida continua”, pensou. Mais papéis para ler, mais decisões a tomar, mais compromissos a cumprir. Nem tudo saía como ele queria. Começou a gritar com o gerente, exigindo que este cumprisse o prometido. Afinal, ele estava sendo pressionado pela diretoria. Tinha de mostrar resultados. Será que o gerente não conseguia entender isso?

Saiu para a reunião já meio atrasado. Não esperou o elevador. Desceu as escadas pulando de dois em dois degraus. Parecia que a garagem

estava a quilômetros de distância, encravada no miolo da terra, e não no subsolo do prédio.

Entrou no carro, deu a partida e, quando ia engatar a primeira marcha, sentiu de novo o mal-estar. Agora havia uma dor forte no peito. O ar começou a faltar... a dor foi aumentando... o carro desapareceu... os outros carros também... Os pilares, as paredes, a porta, a claridade da rua, as luzes do teto, tudo foi sumindo diante de seus olhos, ao mesmo tempo em que surgiam cenas de um filme que ele conhecia bem. Era como se o videocassete estivesse rodando em câmara lenta. Quadro a quadro, ele via a esposa, o netinho, afilha e, umas após outras, todas as pessoas de que mais gostava.

Por que mesmo não tinha ido almoçar com afilha e o neto? O que a esposa tinha dito à porta de casa quando ele estava saindo, hoje de manhã? Por que não foi pescar com os amigos no último feriado? A dor no peito persistia, mas agora outra dor começava a perturbá-lo: a do arrependimento. Ele não conseguia distinguir qual era a mais forte, a da coronária entupida ou a de sua alma rasgando.

Escutou o barulho de alguma coisa quebrando dentro de seu coração, e de seus olhos escorreram lágrimas silenciosas. Queria viver, queria ter mais uma chance, queria voltar para casa e beijar a esposa, abraçar afilha, brincar com o neto... Queria... Queria... Mas não havia mais tempo...

Extraído do livro “O sucesso é ser feliz” de Roberto Shinyashiki



Carlos Alberto Rabaça *

O Papa Francisco publicou, recentemente, uma exortação apostólica intitulada “*Gaudete et Exultate*” (Alegrai-vos e Exultai), que revela como as pessoas devem se conduzir e serem íntegras no mundo pós-moderno, materialista e de complexa rede de relações interpessoais. Essa realidade deve emergir da caridade e da natureza mais profunda do ser humano, através de valores, atitudes e comportamentos que nos façam perder a onipotência e parar de buscar o prazer e a felicidade a qualquer preço. A exortação chama a atenção para a necessidade de praticarmos uma ética da compreensão humana, exigência-chave nestes tempos de incompreensão generalizada não só entre estranhos, mas também entre membros de uma mesma sociedade, de uma mesma família. Reforça

que a ética deve estar norteada pela liberdade individual e política.

No último capítulo da exortação apostólica, o Papa afirma que a vida cristã é uma luta permanente e exige vigilância e discernimento. “Não se trata apenas de uma luta contra a mentalidade mundana, que nos engana, atordoa e nos torna medíocres e sem alegria. É também uma luta constante contra a corrupção, contra a força do mal”. O discernimento espiritual, naturalmente, não exclui as contribuições de sabedorias humanas, existenciais, psicológicas, sociológicas ou morais, mas transcende-as. Significativo avanço tem sido dado pelo Pontífice com seus ensinamentos: a pedagogia do diálogo; a revolução da ternura; o prazer de ser povo; a superação de estruturas ultrapassadas; a reforma dos tribunais eclesiais; a participação na política e nos movimentos



populares; a certeza de que quem toca no pobre toca na carne de Jesus; a promoção e a valorização da mulher.

Ao longo de seu pontificado, Francisco também tem elencado o que chamou de “doenças curiais”, que podem estar presentes em qualquer instituição eclesiástica: o sentir-se “imortal”, “imune” ou até mesmo “indispensável”; o “Alzheimer espiritual”; a rivalidade e a vanglória; as murmurações e mexericos; a divinização dos chefes; a indiferença para com os outros; o acúmulo; o proveito mundano e os exibicionismos. Muitas vezes, contra o impulso cristão, a vida da Igreja transformase em uma peça de museu ou em uma propriedade de poucos. Assim se habituam a reduzir e deter o Evangelho, despojando-o de sua simplicidade cativante e do seu sabor. Isso diz respeito a grupos, movimentos e comunida-

des e explica por que tantas vezes começam com uma vida intensa no Espírito, mas depressa acabam fossilizados ou corruptos. Pois “o que é que resta? O que é que tem valor na vida? — quais as riquezas que não desaparecem?”, indaga o Papa. “Seguramente duas: o Senhor e o próximo. Estas duas riquezas não desaparecem”. A espiritualidade e a religião têm a ver com a vida, não podem ser alheias aos acontecimentos. Ainda há cristãos que insistem em seguir outro caminho: o da justificação pelas suas próprias forças, o da adoração da vontade humana e da própria capacidade, que se traduz em uma autocomplacência egocêntrica e elitista.

Papa afirma que vida cristã é luta permanente

* Carlos Alberto Rabaça é
Sociólogo e professor
Transcrito de O Globo

Amor

Pela intimidade, pelo amor, por se abrir a muitas pessoas, você se torna mais interessante. E se puder viver um amor profundo, uma amizade verdadeira, uma intimidade generosa, com muitas pessoas, você terá vivido da melhor maneira possível e, onde quer que esteja, se tiver aprendido essa arte, viverá assim ali também, com felicidade.

Osho





Ricardo Werneck*

Quando nos referimos à Ética como instrumento teórico para balizar nossas condutas e nos aproximar de um ideal cristão, projetamos uma sociedade justa ou uma sociedade cuidadora?

Cortina (1994), com a colaboração de Emilio Martinez Navarro, em seu livro 10 palavras chave em ética, elaborou uma breve história do conceito de Ética de Justiça que nos parece pertinente, ao introduzirmos nesta reflexão (pág. 159):

La justicia en sentido ético, relacionada con las creencias morales, en donde aparece tanto como: a) una cualidad moral que puede ser referida a distintos sujetos (exigencias justas, intercambios justos, comportamientos justos, personas justas, leyes justas, instituciones justas, guerras justas, etc.), como también b) una capacidad humana para juzgar en cada momento lo que es justo y lo que no (sentido de justicia, intelecto práctico-moral, razón práctica, etc.), como también c) alguna teoría ético-política (justicia liberal, justicia libertaria, justicia socialista, etc.).

Fazemos esta referência porque o conceito de justiça, pressupondo a reciprocidade e a atribuição a cada um do que lhe é devido, é um pressuposto da perspectiva principlista. Por outro lado, para poder, na teoria e na prática, contribuir

para a viabilização da justiça, dando a cada pessoa o que lhe é de direito, é necessário ter uma concepção global e articulada daquilo que cada um é, dá e recebe da sociedade, nos distintos âmbitos em que vive, convive e atua, ou seja, uma pers-

pectiva integrada do bem comum, do bem próprio de cada indivíduo e das suas relações mútuas. Diferentes justificativas são frequentemente apresentadas para, de forma justa, dar a cada ser humano o que lhe é de direito: - por serem homem e mulher necessitados de reconhecimento e da ajuda de outros homens e mulheres, para chegarem a ser plenamente humanos (essa perspectiva é mais abrangente do que a concepção de justiça como universalismo igualitário corrente na sociedade atual); - por contrato que medeia as relações do profissional com seu cliente em circunstâncias específicas, mas também do profissional com um centro, instituição ou organismo em que trabalhe (mediante um contrato explícito ou implícito o profissional também contrai obrigações); - por mérito contraído em função do que tenha feito, do esforço ou do trabalho realizado; - por participação proporcional nas obrigações e benefícios que a todos correspondem; - por lei estabelecida por autoridade competente para proteger os direitos humanos.

O justo é uma modalidade ou variante de bom, na mesma medida em que estão a dignidade e a autonomia. Com efeito, se por um lado as desigualdades sociais podem, em parte ou no todo, não ser remediadas pelos profissionais, por outro, eles também não podem ficar à margem da história, ignorando-as ou contribuindo para consolidá-las ou agudizá-las. Da compaixão e da empatia, passamos à compreensão de que a justiça social e outros va-

lores devem ser fundamentados em bases ideológicas. A justiça deixou de ser um valor absoluto para atender aos interesses de uma agremiação ou partido, de forma que ela serve apenas para manter o status quo desse grupo, sem que o outro seja objeto principal de atenção. Associando-se o discurso da justiça social a ideias de apenas um segmento político, criou-se uma falsa concepção de que a preocupação com a justiça está associada a determinado discurso político e a um falso antagonismo irreconciliável entre indivíduo e coletividade.

O estudo da Ética do Cuidar conduz-nos naturalmente a um conjunto de quatro princípios, centrais na Declaração de Barcelona. Esses princípios, promovidos no âmbito da solidariedade e da responsabilidade, são propostos como valores para orientar tomadas de decisão, representando uma expressão do movimento da sociedade no processo civilizador para o Reino dos Fins. Indicando um movimento para a justiça global (igualdade), esses quatro valores (listados a seguir) têm uma base universal em um círculo hermenêutico de "grande equilíbrio reflexivo" e julgamento atencioso, correspondendo à afirmação de valores fundamentais da bioética.

- A Autonomia não deve somente ser interpretada no sentido de permissão, devendo-se levar em conta outros aspectos: a capacidade de criação de ideias e metas para a vida; o senso crítico do que é moral, da autoregumentação e da privacidade; a capacidade de

decisão racional e de agir sem coerção; a capacidade de se envolver politicamente e de ter responsabilidade pessoal; a capacidade de consentimento informado. No entanto, a autonomia continua a ser apenas um ideal, por causa das limitações estruturais que lhe são dadas pela fraqueza humana e dependência biológica, materiais e condições sociais, a falta de informações para o raciocínio etc.

- A Dignidade, não se reduz à autonomia, mas uma qualidade de pessoas lúcidas que detêm autocontrole na vida saudável, e esta pode ser perdida, por exemplo, por falta de responsabilidade ou em situações de doença grave. No entanto, a dignidade é um valor intrínseco da pessoa, sendo, por isso, universal, e reconhecido na relação intersubjetiva. Retoma-se assim o conceito kantiano da pessoa como fim em si mesma.

- A Integridade representa a inviolabilidade do ser humano. Embora originalmente se entendesse como uma virtude correspondente a um caráter incorruptível, que expressa retidão, honestidade e boas intenções, o seu sentido universalizou-se como uma qualidade da pessoa. O valor da integridade está relacionado à coerência de vida no tempo e no espaço, que não deve ser tocada ou destruída, quanto à memória ou à vida corporal.

- A Vulnerabilidade é uma expressão universal da condição de toda vida autoorganizada (humana e não humana) como capaz de ser

ferida e morta. Existe, por isso, uma relação estreita entre o reconhecimento da integridade e da vulnerabilidade. O respeito pela vulnerabilidade deve ser essencial para a formulação de políticas no Estado social moderno. O respeito pela vulnerabilidade não é uma exigência para a vida perfeita e imortal, mas o reconhecimento da finitude da vida e, em especial, da sofredora presença terrena dos seres humanos.

Identificamos dois aspectos comuns às éticas do cuidar: a perspectiva do outro, a quem se destinará a atenção e ação de cuidar; e a de si mesmo, cuidador, origem e fonte da ação de cuidar. Na perspectiva do outro, podemos entender que quem necessita de cuidados deve ser conhecido suficientemente, para se saber quais as suas reais necessidades, vulnerabilidades e intenções, enfim, os porquês e o que se clama. Para tanto é necessário olhar nas entrelinhas do subjetivo contido em cada ser humano, em si mesmo (corpo, espírito e psique), e em sua relação com o conjunto de seres não humanos e com o planeta, com o cosmos..... Na perspectiva do cuidador, previamente são necessárias preocupação e inquietação com a condição do outro, numa atitude de responsabilização ou co-responsabilização com a condição desfavorável em que ele se encontra. A responsabilidade também permite a interpretação de ser uma predisposição ao preparo adequado para o oferecimento do que há de melhor a serviço daquele que receberá o cuidado, tornando-se competente

para tal tarefa. A responsabilidade com o outro subentende também não usá-lo para corrigir frustrações originadas na própria consciência ou atender a egoísticas necessidades psicológicas. Ainda se exigem algumas atitudes do cuidador como condições prévias à ação de cuidar. Destacamos a humildade diante das limitações impostas pelas circunstâncias ou até mesmo pela nossa condição humana; a esperança de que é possível alcançar aquilo para o qual se preparou devidamente; e coragem diante de situações difíceis ou aparentemente insolúveis. A partir dessas prerrogativas, surgem algumas virtudes que nos impulsionam a cuidar: a compaixão ou o cuidado ético. Na vida cotidiana, estas virtudes, em conjunto ou em separado, levam-nos a enxergar o outro com desvelo, solicitude, atenção, diligência e zelo, tornando-o mais humano e mais digno.

Um valor que se revela importante na ética do cuidar é a equidade, superando a justiça igualitária. A partir da equidade, acabamos por constatar que as pessoas são diferentes, sendo-lhes devidos também cuidados diferentes. Apesar de sermos dotados de virtudes, e cada um de nós as têm com naturais peculiaridades, em muitas situações que se nos apresentam, alguém necessita

de uma atenção maior. Aqueles que demonstram maior vulnerabilidade devem ser acolhidos com o devido e proporcional cuidado.

Ao se colocar disponível e ser permitida a ação de cuidar, as consequências podem levar à dependência, negando ao outro o direito de crescer e desenvolver-se em todas as suas dimensões. Nesse caso, trata-se de cultivar na relação de cuidado a autonomia. Mesmo que se admita que a vulnerabilidade possa persistir, ela não pode perpetuar uma relação doentia de dependência. Ainda que sejamos todos dependentes de carinho, apoio, sustentação, proteção e atenção, a relação de cuidado promove a autonomia de ambas as partes.

A partir das fundamentações acima, podemos minimamente formar consciência acerca das grandes questões que hoje envolvem nossa sociedade, e ainda exigem do cristão comprometido algum posicionamento. Ou será que vamos pensar que com apenas um pão não podemos alimentar uma multidão?

**Ricardo Werneck é Doutor em odontologia. Membro do MFC de Juiz de Fora*

TEXTO ESPECIALMENTE RECOMENDADO PARA REFLEXÃO EM GRUPO

É da natureza do amor,
criar raízes em pessoas
que querem dar frutos.



Equipe Igreja em Marcha

O Brasil atravessa um longo período de convulsões e conflitos de ordem política, econômica, cultural e social. Em meio à cacofonia de vozes dissonantes e demagógicas, de discursos intolerantes pedindo tolerância, de defesa partindo para o ataque e de construção de verdadeiras muralhas intransponíveis, nas quais o “nós” e os “outros” emergem declarados ou não, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) vê-se no dever pastoral de emitir notas oficiais.

De fato, face a tantos tweets, posts, memes e mensagens de aplicativos, além dos já tradicionais multimídias como rádio, cinema e TV, que se servem sobretudo da incompreensão, superficialidade e agilidade, com que temas sérios são transformados ora ; em

ódio, ora em comédia bufônica... de forma trágica para os mais desfavorecidos e oportuna para os donos do poder, a Igreja não pode se deixar ; levar e precisa da orientação episcopal.

A CNBB, só neste ano, já emitiu notas contra a Reforma Trabalhista e a Previdenciária, sobre o escândalo das delações e sobre “o grave momento nacional”, clamando com indignação pela “ética na política”. Emitiu nota também para manifestar com veemência seu repúdio aos decretos que pretendiam extinguir uma enorme reserva nacional, ao que chamou de políticas governamentais que adota “a perversa lógica do mercado, (...) em detrimento da vida, da dignidade da pessoa e do cuidado com a Casa Comum”. Ainda, por ocasião do 7 de setembro, convocou os fiéis a partici-

parem do Grito dos Excluídos e a se mobilizarem pacificamente em defesa da dignidade e dos direitos do povo brasileiro, propondo “a vida em primeiro lugar”, com o lema: “Por direitos e Democracia, a luta é todo dia”.

Nesse caminho missionário, o Conselho Permanente da CNBB, reunido em Brasília, de 24 a 26 de outubro, emitiu mais duas notas oficiais e uma mensagem, versando ainda sobre o cenário político e econômico, além do social e cultural.

Motivados por acontecimentos recentes envolvendo a utilização de símbolos religiosos da fé católica em manifestações e exposições “artísticas”, a mensagem destaca que “crescem em nosso meio o desrespeito e a intolerância que destroem esta harmonia, que deve marcar a relação da arte com a fé, da cultura com as religiões”. Mesmo sendo a arte livre e criativa, não pode desconsiderar os sentimentos e valores, muitas vezes, revestidos de uma sacralidade inviolável. Diz ainda que “vivemos numa sociedade pluralista, por isso, precisamos saber conviver com os diferentes”. Por isso, clama a sociedade “a promover o diálogo e o encontro, por meio dos quais as pessoas, em suas diferenças, respeitam e exigem respeito, e permitem sentir a riqueza que cada um traz dentro de si”.

Já a nota sobre trabalho escravo classifica de “desumana” e considera “um retrocesso a Portaria

1.129 do Ministério do Trabalho, que alterou as regras para classificação e combate a essa prática odiosa que persiste no país. Tal iniciativa elimina proteções legais contra o trabalho escravo arduamente conquistadas, restringindo-o apenas ao trabalho forçado com o cerceamento da liberdade de ir e vfc Permite, além disso, a jornada exaustiva e condições degradantes, prejudicando, assim, a fiscalização, autuação, penalização e erradicação da escravidão por parte do Estado brasileiro”, afirma a CNBB, somando sua voz a inúmeras reações nacionais e internacionais.

Por fim, na nota sobre atual momento político, manifesta, mais uma vez, sua apreensão e indignação com a grave realidade político-social vivida pelo país, afetando tanto a população quanto as instituições brasileiras. A crítica se dirige “à falta de ética, a barganha na liberação de emendas, a retirada de indispensáveis recursos sociais, que aprofunda o drama da pobreza”, mas também destaca a crescente “apatia, o desencanto e o desinteresse pela política da população brasileira, inclusive dos movimentos sociais”. “Apesar de tudo”, afirmam os bispos, “é preciso vencer a tentação do desânimo. Só uma reação do povo, consciente e organizado, no exercício de sua cidadania, é capaz de purificar a política, banindo de seu meio aqueles que seguem o caminho da corrupção e do desprezo pelo bem comum”.

Transcrito da Tribuna de Minas



FAMÍLIA FELIZ NÃO RESULTA DE ESTATUTOS

Deonira L. Viganó La Rosa

Fiquei perplexa e preocupada ao ler reportagem de Zero Hora neste domingo, 28 de junho. A Câmara tentando a todo custo conceituar Família e legislar sobre ela através de um Estatuto da Família e o Senado fazendo o mesmo através do Estatuto das Famílias, nenhum dos dois ainda aprovado ou desaprovado. Os dois com colocações que não coincidem na essência.

Legislações podem colaborar e/ou atrapalhar mas não são uma mágica que resolve a questão familiar. Não se melhora a família por decreto. Radicalismos e fundamentalismos, assim como a frouxidão, certamente não ajudarão. Há pré-requisitos indispensáveis, isto é, devem acontecer reflexões e debates amplos que levem em consideração a complexidade da Sociedade e da Família hoje.

Pensamento linear e pensamento sistêmico

Desde o século XII a forma dominante de entender o mundo esteve calcada no pensamento linear, determinista, o qual simplifica a realidade como se as perguntas possuísem uma só resposta. É um pensamento reducionista, necessário e fundamental para algumas áreas do conhecimento. Entretanto, esta abordagem não é suficiente nos casos que envolvem sentimentos e emoções, pois ela não é capaz de entender a totalidade da vida humana.

Na segunda metade do século passado, junto com o desenvolvimento da cibernética e suas aplicações, surgiu o pensamento sistêmico. Ao pensar de forma sistêmica, o mundo se abriu para várias possibilidades. Passamos a admitir que as perguntas podem não ter uma só resposta. Pensar de maneira sistê-

mica ou circular faz-nos suspender julgamentos apressados.

Se pensarmos de forma linear nas questões que dizem respeito ao ser humano e à Família podemos cometer injustiças, pois algumas variáveis não consideradas podem estar atuando fortemente no caso concreto em questão. Tomar decisão sem ter a visão do todo pode gerar decisões unilaterais e não efetivas. O pensamento sistêmico ajuda a compreensão.

A COMPLEXIDADE

Ao pretender tomar decisões sobre Família, também vem em nosso auxílio a teoria da complexidade tão bem trabalhada por Edgar Morin. A complexidade indica que tudo está ligado a tudo, numa rede relacional e interdependente.

A complexidade associa dois termos antagônicos como ordem e desordem. O ser humano traz em si um conjunto de características contrárias e bipolares. Ao mesmo tempo é alegre e triste, bom e ruim, ordenado e desordenado. É pluralidade. É corpo, idéias e afetividade, objetividade e subjetividade. É complexo.

A família é complexa, o universo é complexo, a sociedade é complexa. É uma rede de relações intrincadas. A Família está na Sociedade e a Sociedade está na Família. Não podemos pensar em causa e efeito linear simples. A família é causa e ao mesmo tempo é efeito. O produto é ao mesmo tempo o produtor. O indivíduo é ao mesmo tempo autônomo e dependente.

O pensamento complexo compreende o princípio da incerteza. É desprovido de fundamentos de certezas absolutas. Só Deus é absoluto. No pensamento complexo os contrários têm espaço e acolhimento sem preconceitos. Viver no risco e na incerteza é o grande desafio da condição humana.

Não permitir legislações sem nossa participação

É possível melhorar nossa capacidade de compreender o encadeamento das ações. É possível treinar nossa habilidade de observar as diversas faces dos fatos, gerando assim visão sistêmica. O ser humano tem habilidade para pensar sistemicamente. Precisamos nos preparar para viver na dualidade. Todos somos construtores do futuro que é incerto.

Se nossos legisladores e nós mesmos soubermos compreender e aceitar ao invés de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas e da Família. Lembrando que o mesmo vale para as questões tratadas no Sínodo da Família, no Vaticano. A compreensão não desculpa nem acusa, ela pede que se evite a condenação irremediável.

Nossos “representantes”(?) como podem legislar sobre Família de maneira simplista, reducionista, determinista? Negando fatos, sofrimentos, alegrias, consciências, apreensões e dúvidas que lotam os lares?

*Deonira L. Viganó La Rosa é
Terapeuta de Casal e de Família.
Mestre em Psicologia.*

Gentis gentios: ou fazer missões “é do bem”?



Pregar ou não pregar o evangelho para os povos do mundo? Missões, hoje, parece ser um conceito antiquado, imbuído de um ranço patriarcal e colonialista. Levar justiça social talvez sim, mas anunciar a minha verdade corno se fosse a única? Isso não seria arrogância e abuso?

Em minha vida missionária tive oportunidades de conhecer e experimentar culturas diferentes da minha. Meu paladar se expandiu, passei a apreciar carnes, moqueadas e cozidas, de diversos animais: de cobra frita até a gloriosa sopa de tucano sem sal. Porém, mais do que isso, meu coração entendeu diversas formas de vida e sociedade humanas. Existem muitas versões de como ser gente pelo mundo afora. Um monge budista na Tailândia tem dilemas diferentes de uma prostituta trans no mesmo país. Uma mãe de família Suruwahá, com as obrigações sociais que a vida naquela sociedade minúscula impõe, é bem diferente da mãe ribeirinha, esposa de um seringueiro, que mora na beira de algum afluente isolado do Amazonas, embora ambas vivam na selva.

Ser uma mulher na Noruega não é o mesmo que ser uma mulher norte-americana, apesar da semelhança na afluência econômica e no conforto dos dois países. Aprendi a amar essas diferenças, às vezes sutis, e as que pareciam ser tão intransponíveis quanto a Muralha da China.

As culturas do mundo representavam para mim o amor e a criatividade de Deus. Respeitá-las era mais do que uma estratégia missionária efetiva. A contextualização da mensagem não era vista por mim e por meus colegas como uma ferramenta. Se fosse assim, perderia a virtude, seria apenas uma forma de manipulação. Acreditávamos na beleza da imago Dei, capaz de produzir as mais variadas versões de vida em sociedade. Podíamos ver expressões de pureza, justiça, misericórdia, sublimidade e transcendência nas mais diferentes práticas culturais. Este sentimento de apreciação era um valor moral que devagar se transformou num princípio exemplar. Nada que ferisse a integridade da cultura era aceitável como prática missionária. A história de missões era lida como uma narrativa de uma

sucessão de erros e abusos motivados pela associação inevitável dos missionários ao poder colonial, cujo fim absoluto era destruir a expressão divina nessas culturas frágeis como um cristal. As culturas para mim não eram mais um aspecto da nossa humanidade, mas a humanidade em si mesma. Elas não eram mais um produto da imagem Dei, mas se tornaram um deus em si mesmas.

Minha vocação missionária sobrevivia neste terreno pantanoso graças à pretensão de que iríamos corrigir os erros de outros. Com nossa juventude, capacidade e iluminação, desempenharíamos a mesma tarefa sem cometer os erros grosseiros das gerações anteriores. Tropecei, porém, em um problema grave. À medida que eu conhecia as pessoas que eram o público-alvo de minha missão, elas deixavam de ser exóticas para se tornarem gente. Meus amigos indígenas se tornaram pessoas, homens e mulheres iguais a mim. Pelados na selva, cobertos por uma burca ou envoltos num manto laranja. Suas dores começaram a ser, de modo profundo, familiares para mim. Quando a voz da muçulmana se fazia ouvir através da grade de tecido que lhe cobria a boca, eu não ouvia a exotividade do islamismo, mas a garota de 17 anos cheia de curiosidade tentando fazer referências amáveis a respeito do Brasil. Sua hesitação, timidez, olhos baixos, me contaram histórias que me fizeram chorar.

Agora, o que fazer? As culturas são compostas de gente. As expressões culturais, antes idolatradas,

agora me pareciam opressoras. As pessoas dentro delas, tanto quanto eu, eram capazes de sentir um abuso como abuso. A cultura lhes feria a carne, travesti-la de palavras que a distanciam de minha experiência não ajudava. Culturas têm em seu tecido injustiças, distorções cruéis sobre o valor do ser humano, sobre a relação homem, mulher, indivíduo e sociedade. Eu tinha de tomar uma decisão: ou ignorava a humanidade dos povos e continuava a idolatrar a cultura como um deus, colocando-a acima da necessidade que o povo tinha do evangelho, ou me arrependia do meu pecado, renunciava o fanatismo ideológico e voltava ao evangelho que me tornava humilde diante de Deus e da história. Escolhi a última opção. O evangelho não é uma ferramenta colonizadora, mas é a mensagem sobre um Deus de amor que transcende diferenças humanas e é capaz de comunicar esperança e vida aos corações. Todos os seres humanos precisam da reconciliação com Deus e com os valores culturais do reino, oferecida pelo evangelho, porque todos nós, sem exceção, pecamos e carecemos de sua glória.

Bráulia Ribeiro trabalhou como missionária na Amazônia durante trinta anos e no Pacífico por seis anos. Hoje é aluna de teologia na Universidade de Yale, Estados Unidos, e candidata ao doutorado pela Universidade de Aberdeen, Escócia. Mora em New Haven, CT, com sua família e é autora dos livros Chamado Radical e Tem Alguém Ai Em Cima?, publicados pela Editora Ultimato, www.braulia.com.br.

Transcrito da revista Ultimato



Igreja e discriminação/ exclusão dos casados

Jorge La Rosa*

A opção pelo celibato é escolha respeitável que tem sido feita através da história por indivíduos de todas as culturas e em quase todas as religiões, por razões variadas. No Cristianismo nascente o celibato era opção possível, mas não a regra: número significativo de apóstolos era casado, proveniente do Judaísmo que valorizava a família. Os Pais do povo judaico e os grandes profetas da Aliança eram casados, assim como os sacerdotes.

O próprio Cristo escolheu homem casado para chefiar a Igreja, Pedro, quando tinha opção de escolher celibatário. São Paulo dá sábio conselho a respeito do perfil do bispo, consignado na Bíblia (1Timóteo 3, 1-5):

“É preciso que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma única mulher, sóbrio, cheio de bom senso... Que ele saiba governar bem a própria casa, mantendo seus filhos na submissão, com toda a dignidade. Pois se alguém não sabe governar bem a própria casa, como cuidará da Igreja de Deus?” - O comum era o bispo ser casado, bispo celibatário era exceção.

A Igreja Cristã nos seus primórdios seguiu essa orientação. Havia liberdade para casar-se ou permanecer celibatário. A Igreja se expandiu.

Mas, a partir do século IV, e nos seguintes, a história progressivamente foi mudando. As leis eclesiásticas foram excluindo os casados do episcopado e, no rito latino, também do sacerdócio. Iniciava-se um período de negação da tradição apostólica, de exclusão da liberdade, tão cara a São Paulo, e de discriminação e exclusão dos casados dos ministérios ordenados (exceção ao diaconato, cuja inclusão só se deu no século XX, com Paulo VI, após muitos séculos...) que perdura até hoje. A Igreja quer ser anunciadora e praticante dos ensinamentos de Jesus que decorrem de suas palavras e práticas, mas não o é na questão do ministério sacerdotal; ignora e contraria a prática do Mestre. Milhares de pessoas recebem a graça da vocação ao matrimônio e ao sacerdócio, que a Igreja impede de vicejar; a Igreja é contra o aborto de seres humanos, mas em relação à graça ...Ao não contar com esses milhares de pastores que estariam a serviço do Evangelho, o Povo de Deus é espoliado, mas isso é menos importante que a burocracia jurídico-eclesiástica. São

Paulo, no seu tempo, viveu esse dilema ao se deparar com aqueles que enfatizavam a observância da lei para alcançar a salvação, enquanto insistia que ela é antes de tudo graça. A história se repete. Há leis canônicas que são antievangélicas e contrárias à tradição apostólica.

A igreja no seu discurso é contra toda e qualquer discriminação, mas na prática discrimina e exclui os casados dos ministérios ordenados.

Os motivos da exigência do celibato para os ministérios ordenados são vários, mas salientam-se dois: um de natureza econômica, sacerdote solteiro custa menos à Instituição; e outro ideológico: Santo Agostinho, no século IV, via a atividade sexual como menos nobre, geralmente pecaminosa, tolerável para a reprodução, o que definiu a posição da Igreja para o seu tempo e séculos posteriores. A prática do sexo tornaria o sujeito indigno para funções sagradas.

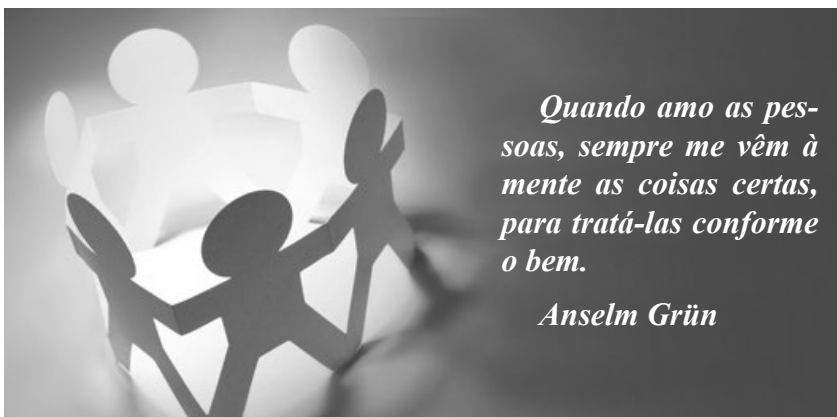
A Igreja tem encolhido no Brasil. As causas são várias, mas quan-

do uma instituição se opõe e contraria o próprio Fundador, pode-se entender as vicissitudes pelas quais passa e o encolhimento observado. Em 1940, 95,2% dos brasileiros eram católicos, em 2010 somavam 64,6%, com perda de mais de 30%. Em 2016, segundo pesquisa do Datafolha representavam 50%. Em 20 anos, a perdurar as circunstâncias, quantos serão?

Implantou-se na Igreja a celibatocracia, ou seja, o poder sagrado somente aos celibatários, o que originou uma direção viesada da Instituição.

O Papa Francisco pode suscitar expectativas de mudança. Contudo, o fenômeno da reprodução social opera no interior de qualquer instituição; as pessoas detentoras de poder na Igreja, celibatárias, gestadas na ideologia vigente, tendem a reproduzi-la. Aos cristãos, contudo, anima a esperança: novos tempos virão – precisamos gestá-los. Contra o Espírito quem prevalecerá?

** Jorge La Rosa é Professor universitário – UFRGS – Doutor em Psicologia Social*



Quando amo as pessoas, sempre me vêm à mente as coisas certas, para tratá-las conforme o bem.

Anselm Grün



OdedGrajew*

Fui convidado pelo governo sueco para visitar o país. Sempre quis conhecer com mais detalhes o que fez a Suécia estar há vários anos entre os primeiros colocados no mundo nas áreas social, econômica ambiental e ética, tendo sido um país paupérrimo no início do século passado.

Realizamos visitas intensas a ministérios, órgãos governamentais e não governamentais. Quando perguntados sobre as razões pelas quais a Suécia chegou aonde chegou, a resposta quase unânime era: nós conseguimos acordar alguns consensos.

O mais importante foi a compreensão de que, para desenvolver o país de forma harmônica e sustentável, é necessário reduzir as desigualdades e estabelecer relações sociais calcadas na confiança.

Como decorrência, políticas públicas e do setor privado são orientadas a reduzir as desigualdades econômicas, territoriais, etárias, de gênero e de raça. O sistema fiscal e tributário arrecada mais de quem

ganha mais, e os investimentos públicos direcionam os recursos prioritariamente para os segmentos sociais e territórios mais necessitados.

Recursos públicos garantem educação e saúde de qualidade para todos. A educação é obrigatória até a universidade, e os universitários podem receber recursos a fundo perdido que lhes garantam a manutenção até o fim do curso.

A participação das mulheres é um dos principais eixos dessa visão de inclusão social. São maioria na política e nos órgãos governamentais. A primeira infância é tratada com grande prioridade, expressando o cuidado com a futura geração.

A licença-maternidade é de 14 meses, dos quais o pai deve cumprir o mínimo de três. As empresas procuram colocar limites para a diferença entre os maiores e menores salários. Uma agência independente governamental acompanha e propõe medidas para reduzir as desigualdades nos governos e no setor privado.

Os índices de confiança entre as pessoas e as organizações públicas

e privadas são muito altos graças a uma total transparência e estabelecimento de amplos espaços de participação nos governos e nas empresas. Trabalhadores e empresários têm um interesse comum: o sucesso da empresa.

Os trabalhadores participam dos órgãos de gestão, e todas as decisões, inclusive o destino dos lucros, são tomadas de comum acordo. Responsabilidade e benefícios são consensuados e, por isso, praticamente não há greves.

A política não é vista como profissão, mas como oportunidade de servir a comunidade. As mordomias são mínimas, vereadores não ganham nenhuma remuneração. São muito poucos os cargos de confiança indicados pelos políticos. As políticas públicas são tocadas por funcionários de carreira que servem sucessivos governos. Não existe foro privilegiado, aposentadorias especiais etc. Os políticos pedem demissão de vergonha ao menor deslize ético.

A consciência ambiental é altíssima. Os objetivos do desenvolvimento sustentável com metas até o ano 2030 orientam todas as ações do governo, sob a responsabilidade do ministro da economia.

Maciços investimentos em pesquisas, em que universidades, governos e empresas cooperam, garantem excelência tecnológica e competitividade internacional.

Foram muitos os aprendizados da viagem. Apenas alguns estão aqui relatados. A pergunta angustiante que me ficou foi: quanto tempo ainda levaremos para chegar aos consensos que possam tornar o Brasil (um dos campeões mundiais das desigualdades e onde índices de confiança nas instituições são baixíssimos) um país próspero e justo?

**Oded Grajew é Conselheiro da Rede Nossa São Paulo e do Programa Cidades Sustentáveis, presidente do Conselho Deliberativo da Oxfam Brasil e presidente emérito do instituto Ethos; idealizador do Fórum Social Mundial*

Transcrito da Folha de São Paulo

Que nada te perturbe; que nada te desanime. Tudo passa: Deus jamais muda. A paciência alcança tudo aquilo por que anseias. Aquele que tem Deus vê que nada lhe falta: Deus lhe basta.

Teresa de Ávila





Medicina cidadã

Luiz Roberto Londres*

Nossa medicina encontra-se numa situação insustentável, principalmente para aqueles menos aquinhoados, justamente os que têm mais necessidade de atendimentos. A medicina é uma atividade de cunho eminentemente social e humanístico, e vemos que ela não está conseguindo atingir esses objetivos.

Hospitais e outros serviços médicos se deteriorando e mesmo muitos deles fechando unidades ou integralmente as suas portas. Nos que restam, as filas intermináveis proliferam. Lembro sempre que, quando me formei em medicina, os melhores hospitais de nossa cidade eram os públicos: Souza Aguiar, Miguel Couto, Lagoa, Ipanema, Andaraí, entre outros, e principalmente o Hospital dos Servidores do Estado, para onde vinham os presidentes da República.

54 fato
e razão

O descaso ou a incompetência dos responsáveis pelos serviços são o principal motivo desta situação. Além disso, dois outros fatores que chamaria de dolosos contribuem para essa profunda distorção social: o desvio de recursos que deveriam ser destinados à saúde e são despejados em outros setores que, por vezes, nada têm de benefício público e o conluio de alguns desses responsáveis com áreas que cercam esses atendimentos, como planos de saúde e indústria

A busca de lucro em detrimento da saúde do paciente traz um grande risco para a sociedade.

O Sistema Único de Saúde, criado pela Constituição Federal de 1988, a chamada Constituição Cidadã, hoje é visto não como uma necessidade, mas como algo que não funciona. Aceitamos as distorções sem cobrarmos as medidas de nos-

sos governantes e seus prepostos. As reações têm sido consideradas muito mais importantes do que as ações para resolver essa situação. Há até ministros da Saúde que preconizam planos de saúde para os menos afortunados com cobertura restrita; ou seja, descumprindo o que diz o artigo 196 da Constituição: “A saúde é direito de todos e dever do Estado”.

O uso da saúde suplementar deveria ser uma opção, e nunca uma necessidade. Quem quiser mais conforto ou acesso a médicos e serviços ambulatoriais e hospitalares específicos faria, por esse motivo, uso dos planos. Mas a saúde como um todo, sendo uma atividade de cunho social e humanitário, não é uma área que privilegie os mais bem dotados. Serviços públicos e, ao seu lado, os serviços beneficentes são o centro desejável para esse atendimento.

A busca de lucro em detrimento da saúde do paciente traz um grande risco para a sociedade. Como dizia Edmund Pellegrino, o grande filósofo da medicina: “Os cânones financeiros costumam ser incompatíveis com os cânones éticos”. E o benefício de poucos, numa área como a medicina, não pode ser à custa do benefício da sociedade em seu todo.

É muito importante que a população tome conhecimento desses princípios, pois terá uma voz mais forte na cobrança das medidas a serem tomadas pelos servidores públicos que são os responsáveis pelas diversas áreas da saúde.

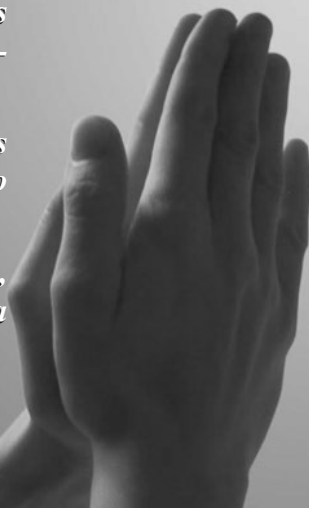
**Luiz Roberto Londres é
Médico. Presidente do Instituto
de Medicina e Cidadania
Transcrito de O Globo*

*Que eu não ore para ser protegido dos
perigos, mas para ser destemido e enfren-
tá-los.*

*Que eu não suplique para que minhas
dores se aplaque, mas para que o coração
as conquiste.*

*Que eu não peça, em ansioso medo,
para ser salvo, mas espere ter a paciência
para conquistar a minha liberdade.”*

Rabindranath Tagore (poeta hindu)





MENSAGEM DOS BISPOS DO REGIONAL LESTE 2 DA CNBB SOBRE AS ELEIÇÕES DE 2018

“Não sejamos cães mudos, não sejamos sentinelas caladas, não sejamos mercenários que fogem dos lobos, mas pastores solícitos, vigilantes sobre o rebanho de Cristo. Enquanto Deus nos der forças, preguemos toda a doutrina do Senhor ao grande e ao pequeno, ao rico e ao pobre, e a todas as classes e idades, oportuna e inoportunamente”. (São Bonifácio, Bispo e Mártir)

Nós, os Bispos das (Arqui)dioceses de Minas Gerais e do Espírito Santo, reunidos na Assembleia do Conselho Regional de Pastoral, junto ao Santuário Basílica de Nossa Senhora da Piedade, na Serra da Piedade, agradecemos a Deus e alegramo-nos com a presença fecunda, criativa e missionária dos presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas, cristãos leigos e leigas em nossas comunidades, rezamos pela nossa amada Pátria e olhamos com esperança este momento eleitoral que estamos para viver.

Apesar dos muitos elementos negativos no cenário político nacional,

como a corrupção, as oligarquias políticas, o carreirismo político, a abundância de partidos e a falta de identidade partidária, vemos com grande esperança e valor o poder de decisão que está nas mãos do povo, pela via democrática do voto. É preciso votar! Campanhas em contrário podem gerar resultados inesperados, pois o voto em branco, o voto nulo e as abstenções não invalidam eleições. É preciso saber disto e fazer valer a responsabilidade social pela escolha dos futuros servidores da Pátria: Presidente da República, Governadores, Senadores, Deputados Federais e Deputados Estaduais. Os eleitos interferirão de maneira decisiva na construção da nossa Nação nos próximos anos.

Diante desta realidade, com esperança, propomos que cada cidadão e cidadã faça um discernimento sério, superando o desinteresse pela política, desenvolvendo, assim, uma sensibilidade social capaz de vencer a apatia e a indiferença que levam a qualquer escolha. Pois, quando assumimos um compromisso social

amplo, rompemos com os interesses corporativos, seletivos e excludentes.

Neste encontro, nos comprometemos em contribuir na formação da consciência política, do valor do voto, da importância da participação de cristãos leigos e leigas maduros e preparados no processo eleitoral e do acompanhamento de seus mandatos. A fim de que isto aconteça, produziremos conteúdos formativos, a partir da Doutrina Social da Igreja, para as mídias, a saber, TV, rádio, impressos, redes sociais, para ajudar a compreender e a interferir neste momento tão oportuno e importante de exercício da democracia.

Não queremos e não vamos nos sobrepor às consciências, indicando em quem votar, mas nos comprometemos em oferecer elementos e subsídios para o necessário discernimento neste contexto eleitoral. O Evangelho, fonte inspiradora da Doutrina Social da Igreja, é o critério a partir do qual queremos pensar a política e os políticos. Nossa fé nos faz olhar para Jesus Cristo, o Verbo Encarnado de Deus, que assumiu, na sua carne, tudo o que é verdadeiramente humano; olhar para o Evangelho, nossa Verdade; e olhar para o Reino, que desejamos “venha a nós”. Daí pensaremos o Brasil e queremos construí-lo a partir do Projeto de Deus.

Nosso tempo é difícil, complexo, fragmentado; por isso, não podemos tratar esta bela via da grande caridade, que é a política, com descaso e desinteresse. Quando não nos preocupamos com a política, alguém sa-

berá usar dela em benefício próprio ou em favor de grupos que excluem os mais pobres, fazendo crescer a corrupção e a exclusão social.

Não podemos ficar apáticos! Não podemos vender nosso voto! Não podemos deixar de votar! Não podemos tomar atitudes que favorecerão à “velha” política! Não podemos ceder a quem queira enfraquecer e violar o regime democrático!

Convidamos a todos a olhar este momento com esperança e otimismo. É hora de escolher quem vai dirigir o Brasil e nossos Estados, quem vai nos representar nas instâncias mais altas da democracia, quem vai produzir nossas leis e fiscalizar nossos governantes.

Que a Virgem da Piedade e da Penha nos ensine a pensar nosso País como uma casa de irmãs e irmãos, comprometendo-nos com atitudes que nos levem a pensar, agir e votar, desejando vida plena e digna para todos.

Santuário Basílica da Piedade, Caeté, 05 de junho, memória do mártir São Bonifácio, de 2018.

Arcebispos e Bispos do Regional Leste 2 da CNBB.

Dom Paulo Mendes Peixoto
Presidente do Regional Leste 2 da CNBB

Dom Joaquim Wladimir Lopes
Dias Vice-presidente do Regional Leste 2 da CNBB

Dom José Carlos de Souza Campos
Secretário do Regional Leste 2 da CNBB



Rosely Sayão*

Participar das aulas, mesmo que seja falando qualquer bobagem, é atitude exaltada por educadores

Toda criança tem o direito, de ficar sozinha e quieta.

Toda criança tem o direito de não ser extrovertida, de gostar de brincar com poucos colegas e de não responder a todas as perguntas que os adultos lhe fazem, inclusive – e principalmente – pais e professores.

A criança tem o direito de ser tímida! Mas, pelo jeito, estamos roubando esse direito dela.

Já faz um tempo que “participar” das aulas na escola, mesmo que seja falando qualquer bobagem, tem sido uma atitude exaltada e incentivada pela maioria dos educadores.

Receber muitos telefonemas, convites para festas, para brincar na casa de colegas da escola ou mesmo para viajar no final de semana tem sido tratado como índice de boa socialização.

Os pais, em geral, se preocupam quando os filhos, mesmo os menores de seis anos, não são “populares” entre seus pares.

Mas o problema é que, agora, estamos exagerando. Não basta considerar a timidez um defeito: queremos transformar essa característica em patologia, tratar.

Isso já é demais.

A mãe de um menino de dez anos me escreveu contando que a escola que seu filho frequenta promoveu uma palestra para os pais com o título “Como tratar as crianças tímidas”. Ela foi, ouviu tudo e voltou preocupada.

Agora, essa mãe acredita que precisa levar o filho para um tratamento psicológico porque, segundo aquilo que ouviu na escola, ou pelo menos o que interpretou do que lá foi dito, o futuro do filho não será lá muito promissor caso ele não consiga superar a timidez que hoje apresenta.

No mundo da diversidade, não suportamos as diferenças, é isso?

Queremos que nossos filhos tenham todos os brinquedos que os colegas têm. Queremos que viajem para os mesmos lugares que seus pares contam ter visitado, que usem as roupas e os calçados das mesmas marcas que a maioria dos colegas e que se comportem de modo semelhante ao da maioria.

Acreditamos que crianças padronizadas e uniformes formam um grupo, e que os diferentes são excluídos dele.

Isso é uma grande violência que nós praticamos contra os mais novos. Afinal, será que desconhecemos que o mundo tem lugar para todo tipo de pessoa?

Será que ninguém conhece adultos bem-sucedidos em sua profissão e que são extremamente tímidos na vida social? Conheço pessoalmente vários casos assim e, por leitura de biografias, muitos outros. Escritores, cientistas com renome internacional, artistas, professores etc.

E adultos muito extrovertidos, com uma vida social intensa e uma rede de conhecidos enorme, mas que apesar disso são infelizes e não

realizados na vida: será que ninguém conhece?

Temos tratado as crianças de uma maneira muito pouco respeitosa. Não suportamos que elas sejam muito ativas, rebeldes, que fiquem tristes, que reclamem, que desobedeçam, que queiram ficar quietas, que não parem, que sejam tímidas.

Ora, queremos formar uma massa de crianças medianas ou medíocres?

Vamos deixar as crianças tímidas em paz. Elas podem mudar na adolescência. Aliás, as muito extrovertidas também podem se transformar em tímidas nessa mesma época da vida.

Timidez não é defeito, tampouco doença. É apenas uma característica, se a criança tiver oportunidades de ser aceita e reconhecida da maneira como ela é no momento e aprender a não permitir que esse seu traço impeça a sua vida de acontecer, ela crescerá de acordo com seu potencial e conseguirá, sim, encontrar meios de viver de acordo com esse seu jeito deser.

Se, ao contrário, insistirmos para que ela altere essa sua característica, aí sim, nós poderemos atrapalhar o seu desenvolvimento e prejudicar o seu autoconhecimento, o que é fundamental para qualquer pessoa viver melhor.

**Rosely Sayão é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha)*

Transcrito da Folha de São Paulo



O governo como plataforma aberta

Ronaldo Lemos*

A infraestrutura para transformar as cidades em “inteligentes” já está entre nós. Ela não virá de fora, nem precisará ser comprada por alto valor. Ela já está no bolso da maioria das pessoas. Basta pensar no seguinte: dá para dividir os condomínios residenciais em dois tipos, aqueles em que os moradores se organizaram por meio de um grupo de mensagens no celular e aqueles que não fizeram isso.

A vizinhança ou prédio que criou um grupo para troca de mensagens percebe imediatamente o impacto positivo. Os problemas são identificados mais rápido, a administração fica mais transparente e até a segurança melhora em razão da troca constante de informações.

Já os que não se organizaram dessa forma dependem de uma figura central, como um síndico, para identificar problemas e iniciar ações. Ou de reuniões de condomínio, prática usualmente obsoleta e ineficaz.

Esse tipo de estratégia simples e de baixo custo pode ser assimilada no plano das cidades. Por exemplo, a cidade de Washington, capital dos EUA, criou o portal Grade DC (“dê uma nota para Washington”). Da mesma forma como toda vez em que alguém usa um serviço de transporte compartilhado avalia o prestador do serviço, cidadãos podem avaliar os serviços governamentais toda vez em que são utilizados. Foi a um posto de saúde? Teve uma má experiência? Dê uma nota baixa para ele.

As notas são então agregadas e publicadas. Isso é bom para o gestor público, porque sabe exatamente onde há deficiências na prestação do serviço. É bom também para o cidadão, que passa a contar com um canal direto para avaliar a administração pública, transparente e sem burocracia.

Para além dessas experiências de inovação vindas do próprio poder público, há também uma forte onda de start-ups criadas para inovar em campos de atuação governamental.

Dá para chamá-las de “GovTechs”. No Brasil, um dos epicentros dessa onda é o BrazilLab, programa de apoio à inovação no setor público. Ele acelera projetos e conecta empreendedores com o setor público.

Entre as start-ups selecionadas para este ano está a MonitorGov, que analisa portais de compras governamentais, criando modelos preditivos de como serão as compras futuras. Em outras palavras, traduzem os padrões de compras públicas em sinais para o mercado, o que permite gerar transparência e competitividade. Ou ainda o Kitado, start-up especializada em renegociar dívidas de contribuintes com o fisco.

Todas as iniciativas de GovTech apontam para um único caminho: entender o governo como uma plataforma aberta. Esse é o futuro da gestão pública. Da mesma forma como as grandes plataformas da internet cresceram abrindo seus “APIs” para desenvolvedores externos, o governo precisa fazer o mesmo. Precisa abrir suas engrenagens para que empreendedores possam

criar novas soluções a partir delas.

Em outras palavras, esse é o modelo de parceria público-privada que faz sentido. Uma que convida todos os cidadãos e inovadores a criar soluções, promovendo transparência e eficiência.

** Ronaldo Lemos é advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITSrio.org). Mestre em direito por Harvard. Pesquisador e representante do MIT Media Lab no Brasil.*

Transcrito da Folha de São Paulo

1. Refletir e argumentar com “amigos” sobre A TRANSFORMAÇÃO DAS CIDADES EM INTELIGENTES E O RISCO DA INVASÃO DA PRIVACIDADE, BEM COMO SOBRE O CONTROLE SOCIAL E A ANIMALIZAÇÃO DO SER HUMANO. Sugestão: Centrar a reflexão No controle das pessoas por entidades corporativas.

2. O ARTIGO PODE ESTAR SUGERINDO QUE “O QUE É BOM PARA Washington necessariamente é bom o Rio, São Paulo etc. Dê sua opinião justificada sobre este tema

Quem me está próximo foi criado um dom para mim, e eu fui criada como um dom para quem está próximo. Na terra tudo está em relação com tudo: cada coisa com cada coisa. Mas é preciso viver o Amor para encontrar o fio de ouro entre os seres.

Chiara Lubich



PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO À DISTÂNCIA

Contribuição do Secretariado Estadual de Minas Gerais

mfc.livraria@gmail.com



TEMA 2: RELACIONAMENTO HUMANO

2º MÓDULO: NOSSO COM-
PORTAMENTO E SEUS EFEI-
TOS NAS RELAÇÕES (Parte 2)

ORAÇÃO INICIAL

Vinde, Espírito Santo, en-
chei os corações de vossos fiéis
e acendei neles o fogo de vosso
amor. Enviai o vosso Espírito e
tudo será criado, e renovareis a
face da Terra.

Oremos: Deus, que instruístes
os corações de vossos fiéis com
a luz do Espírito Santo, fazei que
apreciemos retamente todas as
coisas, segundo o mesmo Espí-
rito, e gozemos sempre de sua
consolação. Por Cristo, Senhor
nosso. Amém.

INTRODUÇÃO

As relações com os outros, sem
as quais o bicho-homem não vive,
podem se constituir em uma fonte
de realização ou de infelicidade.
Cada um de nós traz em si a vo-
cação para ser feliz e irá descobrir,
mais cedo ou mais tarde, que isso
só acontece quando nos tornamos
capazes de construir relações har-
mônicas com nossos semelhantes.
É possível, pois, que muito do so-
frimento que experimentamos em
nossas vidas venha exatamente
da dificuldade que temos em en-
contrar vários pontos de equilíbrio
no relacionamento cotidiano, seja
na família, no trabalho ou em qual-
quer dos diversos ambientes que
compõem nossa história.

Ocorre que essa construção depende fundamentalmente do aperfeiçoamento de nossas aptidões relacionais, isto é, de como aprendemos a lidar com nosso jeito de ser e com o jeito dos outros. É importante saber que não estamos falando de tarefa fácil; diríamos muito difícil, por sinal. Considerando o que diz São Paulo, em sua Carta aos Romanos (Rm 7, 19), nem sempre consigo fazer o bem que quero e acabo fazendo o mal que não quero.

No primeiro módulo desse tema, tomando como referência a fábula dos porcos espinhos friorentos, colocávamos o desafio de perguntar a nós mesmos se estávamos passando frio, se muito espinhados ou se andávamos espetando aqueles que convivem conosco.

Por que desafio? Porque não é fácil fazer essa reflexão, que requer muito empenho de nossa parte. A vida moderna nos levou a buscar os nossos próprios interesses e a prevalência das nossas opiniões, passando longe da busca genuína de aprimoramento das nossas atitudes. Assim, é necessário esforço da nossa parte para combater o comportamento egocêntrico e sinceramente tentar identificar os pontos onde podemos melhorar.

Há alguns anos um anúncio comercial ficou famoso pela frase Gosto de levar vantagem em tudo, certo? Mais que um apelo comercial, esse anúncio acabou mexendo com um jeito de nos relacionarmos com os outros, qual seja,

uma forma de “ganhar” daquele com quem convivemos como se a vida fosse uma competição relacional, em que precisamos “vencer” os outros para sermos bem-sucedidos, deixando de priorizar a convivência pacífica e harmônica.

Seria incorreto dizer que muito da violência que vemos hoje em dia, fartamente noticiada pela TV e disseminada pelas chamadas redes sociais, é consequência da falta de atenção da sociedade e das pessoas em geral ao clima de combate que imprimimos em muitos segmentos da vida? Com infeliz facilidade, lembramo-nos dos episódios de agressividade entre torcedores de futebol e entre os próprios jogadores, das manifestações populares manchadas pelo vandalismo e pelo ódio latente de alguns, dos atentados terroristas ou bombardeios dos estados contra cidades inteiras, mantendo indiscriminadamente crianças, idosos, doentes. Outros exemplos também poderiam ser citados sem muito esforço.

Pois é... O Evangelho nos ensina sobre a prática do amor, da misericórdia, da compreensão, da paz. Com certeza estamos nos esquecendo de alguma coisa...

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

Sugerimos ler ou cantar a Oração de São Francisco e, em seguida, comentar sobre algum ponto especialmente importante para você.

NOSSO COMPORTAMENTO E SEUS EFEITOS NAS RELAÇÕES

Certa vez, uma pessoa admirava o belo tom de verde que o pintor havia colocado no quadro, quando chegou alguém e afirmou que a cor não era esverdeada, mas avermelhada. Pronto, confusão feita! Discutiram um bom tempo sem chegar a nenhuma conclusão e então se afastaram, não muito satisfeitos um com o outro. Tempos depois, um deles descobriu que era daltônico... Lembrou-se da antiga discussão e conseguiu perceber que aquela chateação desgastante tinha sido desnecessária.

Imaginemos outra cena, provavelmente mais comum: Catarina conversa com seu marido Josué sobre um filme que acabaram de ver e lhe diz: O desfecho da situação era óbvio! Só podia dar no que deu. Josué não concorda, pois achou que tudo aconteceu de forma bem surpreendente, ao contrário da opinião dela.

Situações corriqueiras como essas, talvez já por nós experimentadas, ilustram um dos maiores obstáculos ao bom relacionamento entre as pessoas: a dificuldade em entender e aceitar que somos diferentes uns dos outros. Esse fato, a princípio simples e evidente, tem sido objeto de reflexão e escritos de muitos pensadores ao longo da história, tamanha é sua importância nas relações interpessoais e, conseqüentemente, na vida das pessoas.

A experiência mostra que nossas diferenças acabam sendo causa de conflito entre as pessoas nas famílias e em outros ambientes. Pais e filhos, maridos e esposas, irmãos entre si desgastamo-nos inutilmente porque insistimos em querer que as pessoas ajam e se comportem do nosso jeito e de acordo com as nossas opiniões. Poderíamos dizer que essa forma de relacionamento equivale a negar a necessidade do outro, como se cada um fosse autossuficiente para conduzir sua vida sem a vivência em comunidade. É, portanto, necessário reconhecer os outros não como coisas que moldamos, mas como sujeitos, semelhantes a nós.

A premissa básica do comportamento cristão reside na consideração do outro como a si mesmo, ou seja, preciso estimar os outros como estimo a mim mesmo. Sabemos disso, ouvimos e repetimos inúmeras vezes, mas encontramos muita dificuldade na aplicação prática do reconhecimento do nosso semelhante como destinatário do mesmo amor de Deus e, conseqüentemente, dos mesmos direitos à sua individualidade que pleiteamos para nós.

Infelizmente não há manuais e regras objetivas que sejam válidas para todos, sem distinção. Cada um deve descobrir a sua maneira própria de ser feliz, já que cada pessoa é única e, portanto, diferente das demais.

Ora, essa descoberta somente será possível se estivermos atentos a nós mesmos, a nossas

atitudes e comportamentos para descobrir em que podemos melhorar. Lembremo-nos do que discutíamos no primeiro módulo deste tema de formação: a questão do autoconhecimento mostra-se como um dos maiores desafios do humano em seu caminho para viver feliz: “Conhece-te a ti mesmo”.

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

Posso citar algum exemplo próprio de como as diferenças afetam o meu relacionamento na família?

CONTINUANDO...

Será que existe relacionamento perfeito? Ou: Será que existem pessoas perfeitas para o relacionamento? Nem uma coisa nem outra. A sabedoria do relacionar-se com os outros não busca a perfeição, mas a convivência harmoniosa entre pessoas diferentes, na qual cada uma aprende a melhorar suas próprias limitações e a aceitar ou tolerar as limitações dos outros, buscando ajudá-los e, com isso, também ajudar a si próprio nesse processo.

Acontece que, assim como não é fácil identificar e aceitar as próprias limitações, costuma ser muito difícil adaptar-se às limitações dos outros. Temos pelo menos dois fatores envolvidos nessa peleja: a paciência e a tolerância. Alguns exemplos: Podemos ser pacientes na espera de uma longa fila no banco, mas pode ser muito difícil aceitar alguém que “fura” a fila. Conseguimos ter pa-

ciência suficiente para esperar o almoço ficar pronto, mas talvez não consigamos tolerar esse ou aquele tempero de que não gostamos. Podemos ser pacientes em uma conversa com um amigo que leva muito tempo para contar seu caso, mas podemos ter dificuldade em tolerar seu jeito de dizer que sua ideia é uma verdade absoluta.

A maioria das pessoas reage negativa e fortemente a comportamentos que traduzem algum tipo de discriminação e, sobretudo, de desrespeito. Entretanto, muitos se mostram intolerantes ao praticar o desrespeito e a discriminação contra imigrantes, praticantes de outras religiões, descendentes de raças diferentes, pertencentes a classes sociais mais pobres, etc. Assim, a intolerância vai ganhando campo em nossa sociedade e acaba reforçando nas pessoas as dificuldades que têm na aceitação do outro. É bom não nos iludirmos a respeito disso: cada um de nós tem seu tipo e grau de intolerância... Resta identificá-los e buscar administrá-los antes que cresçam e prejudiquem a nós e aos outros.

São vários os comportamentos que atrapalham nossas relações ambientais, principalmente aqueles que mexem com nossas dificuldades específicas, ao que chamamos “pisadas nos calos”. Por exemplo, é difícil para muita gente conviver com alguém arrogante, aquele que se julga autosuficiente e detentor da verdade,

sem nada a aprender. Outros encontram enorme dificuldade em conviver com os egocêntricos e por aí vai...

A tolerância mostra-se, cada vez mais, imprescindível nos dias de hoje. É importante perceber os sinais da intolerância em nosso comportamento para evitar transtornos relacionais. Há os que gostam de música no último volume, seja nas residências, seja nos carros. Entretanto, precisam entender que poderão provocar intolerância se agirem assim durante a madrugada. De forma semelhante, precisamos lembrar que se esperamos dos torcedores do time rival a aceitação de nossa festa na vitória, devemos também tratá-los de forma semelhante quando perdermos. É a regra de ouro: “Faça ao outro o que quer que ele lhe faça”. E assim estaremos aprendendo a viver melhor.

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

Estou fazendo algo para con-

seguir viver com as pisadas que levo nos meus “calos”? Estou tentando evitar pisar nos “calos” dos outros?

REFERÊNCIAS BÍBLICAS: Mt 5, 1-12 – Mt 5, 38-48 – Rm 7, 18-20

ORAÇÃO FINAL (sugestão)

Nós vos agradecemos, Deus Todo-Poderoso, por todos os benefícios que nos tendes concedido; a vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amém.

Pai-Nosso – Ave-Maria

(Fontes de consulta: O mal-estar na civilização (Freud, S.) – Totalidade e infinito (Levinas, E.) – Compreender Ricoeur (Pellauer, D.) – Qual é a tua obra? (Cortella, M. S.) – A intolerância que se manifesta no Brasil e no mundo moderno (Boff, L.), www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/leonardo-boff/a-intoler%C3%A2ncia-que-se-manifesta-no-brasil-e-no-mundo-moderno-1.985965)

Equipe de Coordenação do MFC – MG

Quem crê na não-violência nutre uma profunda confiança no futuro. Essa confiança é outra razão pela qual o resistente não-violento pode aceitar o sofrimento sem represálias: ele, de fato, sabe que, na sua luta pela justiça, é assistido por uma companhia cósmica.

Martin Luther King Jr